



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

AS MEMÓRIAS DO PASSADO E DO FUTURO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UMA
ANÁLISE DE ENUNCIADOS DE IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL

SÃO CARLOS
2008



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

AS MEMÓRIAS DO PASSADO E DO FUTURO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO:
UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS DE IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL

Mauri Siqueira Montessi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São de Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello.

São Carlos – São Paulo -Brasil

2008

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M781mp

Montessi, Mauri Siqueira.

As memórias do passado e do futuro na constituição do sujeito: uma análise de enunciados de imigrantes italianos no Brasil / Mauri Siqueira Montessi. -- São Carlos : UFSCar, 2008.

93 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Lingüística. 2. Imigrante. 3. Memória. 4. Alteridade. 5. Interação. 6. Sujeito. I. Título.

CDD: 410 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdemir Miotello

Valdemir Miotello

Profa. Dra. Maria Onice Payer

Payer

Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins

msc

Dedico:

A todos aqueles que acreditam no PRESENTE como síntese dialógica entre Passado e Futuro; A minha mãe que me alfabetizou na crença do Futuro e no compromisso com o Passado.

Agradecimentos

À humanidade, que me produz constantemente e a qual eu produzo, nos nomes a seguir:

Toda minha família pela história de dignidade e luta;

Sérgio (sobrinho e *amigo*) que me deu a primeira lição concreta de humanismo;

Clemilson, *amigo*, que me ensinou muito do valor do respeito ao próximo;

Todos os professores de todos os níveis e colegas de classe pelas provocações;

Gladis, mais que professora, pela confiança depositada em mim e pelo carinho;

Pessoal do 22 que tornou a caminhada mais fácil, rica e divertida (Marcão, Nivaldo, Sicuri, Digão, Lu, Mariana, Meire, Honasses, Fi, Minduim, Jacutinga, Rubão, Ludian, Stéfano, Robert, David, Andrea);

Eliézer, *amigo*, pelos diálogos sempre desafiantes, “os arco” e a curtição;

Fabio e Larissa, *amigos*, por compreenderem minha chatice, pelas conversas enriquecedoras e pela cachaça;

Banca, pela leitura esclarecedora e compreensão de minhas limitações;

Miotello, pela confiança, apoio, paciência, desafios apresentados e a *caminhadura*;

Nagai, mais que *amigo*, a pessoa mais humana que eu conheci, pelas *viagens*, cervejas, pelo culto à liberdade e a paixão pela vida;

Meu pai, em memória, por nunca perder a esperança;

Minha mãe (que já me ensinara tudo isso: eu que não aprendera), por me ensinar com seu olhar humilde o que é solidariedade, amor, respeito, dignidade...

Agradecimento especial ao Nelson Tornich que me ajudou com o Inglês.

A todos muito obrigado!

“A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens e que, assim existe igualmente para mim: e a linguagem surge como a consciência da incompletude, da necessidade dos intercâmbios com os outros homens. Onde existe uma relação, ela existe para mim.”

(Marx e Engels)

“Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra.”

(Bakhtin)

“os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo..”

(Geraldi)

Resumo

Nessa pesquisa, pretendemos mostrar que as Memórias do Passado e do Futuro, conceitos apropriados de Bakhtin, compartilhadas coletivamente por sujeitos inseridos em uma dada organização social produzem imagens desses sujeitos em interação.

Para defender esse ponto de vista, primeiramente tivemos que definir as imagens construídas por sujeitos nos seus dizeres e depois analisar como essas memórias participavam dessa construção.

Selecionamos nosso *corpus* para a análise: três livros escritos por imigrantes italianos que se mudaram para o Brasil ainda jovens e viveram toda a sua vida a partir de então neste país.

A construção das imagens foi considerada como construção de identidades. Esse processo foi abordado como se dando pela alteridade, ou seja, as identidades se constroem com o outro.

Na análise, verificamos que no jogo de Memórias do Passado e do Futuro, estas projetando um futuro de paz, tranquilidade etc, aquelas *presentificando* um passado de sofrimento, dor, miséria etc, construía-se imagens de sujeitos ordeiros, trabalhadores, felizes, perseverantes etc e havia relação direta entre essas memórias e essas imagens identitárias, isto é, umas produzindo as outras.

Palavras-chave: 1 memória; 2 imigrante; 3 interação; 4 sujeito, 5 alteridade.

Abstract

In this research, it was intended to show that Memories of Past and the Memories of Future, as created by Bakhtin, shared collectively by individuals in a social organization that produces self-images of those individuals in interaction.

To defend that point of view, firstly it was necessary to define the original images of the individuals through their speech, and then to analyze how those memories have participated in that construction.

First of all the *corpus* to analyze has been chosen: three books written by Italian immigrants that moved to Brazil when they were young and lived all their lives here.

The construction of the images was considered like construction of identities. That process was studied as an *otherness*, i.e., identities are built from others.

In the analysis, it was observed that the relationship between Memories of the Past and Memories of the Future, the latter project a future of peace, tranquility etc, and the former bring to present a past of pain, sorrow, poverty etc, created images of lawful individuals, workers, happy, persistent etc; and there was a direct relationship between those memories and those identities, i.e., one producing the other.

Key words: 1 memory; 2 immigrant; 3 interaction; 4 individual; 5 *otherness*.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
<i>Abstract</i>	07
Sumário.....	08
Apresentação.....	09
Introdução.....	12
Capítulo 1	
I – Pontos de partida.....	24
II – A necessidade de estudar o imigrante.....	27
III – Assumir uma posição.....	29
IV – Fazendo apostas.....	31
V – Pontos a chegar.....	32
VI – Um modo de olhar para o mundo.....	35
Capítulo 2	
I - As idéias e a linguagem.....	37
II - Sujeito, língua e interação.....	49
III – Ideologia e memórias.....	55
Capítulo 3	
I – O espaço dos sujeitos: memória e imagem.....	64
II – Imagens dos italianos.....	68
III – Imagens: Itália e Brasil.....	70
IV - Imagem de si: a constituição do sujeito.....	72
Conclusão.....	88
Referências.....	90

APRESENTAÇÃO

“Viver é muito perigoso.”
Guimarães Rosa

A complexidade da linguagem assusta todos que se atêm a ela. Essa complexidade deve-se pelo fato de a linguagem ser um fenômeno coletivamente produzido, ou seja, todos aqueles que vivem em uma determinada organização social participam da constituição da linguagem. Sendo assim, a linguagem é algo heterogêneo, plural, que incorpora as marcas de todos aqueles que no dia-a-dia interagem com/pela/na linguagem. Estudar a linguagem é estudar esses indivíduos em interação dentro de uma dada organização social. As histórias dessas sociedades é que constituem a linguagem.

E na medida em que a sociedade constitui a linguagem, nessa ficam as histórias daquela. Daí ser a língua um bom lugar para se compreender uma sociedade. Entendendo assim é que nos laçamos na tarefa de refletir, a partir da linguagem, sobre o mundo, ou melhor, sobre os sujeitos que produzem esse mundo. Portanto, estudar uma língua é, antes de tudo, estudar sujeitos em interação.

Os sujeitos constituem a linguagem e são constituídos por ela. Como a linguagem é coletiva, dizer que ela constitui os sujeitos é dizer também que os sujeitos se constituem mutuamente. É dizer também que o próprio sujeito se constitui na/pela/com linguagem.

Vale adiantar aqui que a imagem de si ou mesmo do outro, como algo produzido em um tempo e em um espaço, é o resultado das memórias que o sujeito que a produziu **compartilha** com o coletivo. Memórias do passado e memórias do futuro (BAKHTIN).

Somos um povo com uma formação sócio-histórica muito complexa. Muitos contribuíram para essa complexidade. Entender-nos hoje é entender bem os sujeitos que nos constituíram ao longo da história. Indivíduos importantíssimos para nossa formação são os imigrantes. Nesse trabalho, preocupar-nos-emos com esses sujeitos, como eles produzem uma imagem de si mesmos, pois é também a partir da imagem de si que se interage produzindo a sociedade.

O início dessa pesquisa surge com a própria vida de seu autor. O desejo de saber mais sobre esse tema vem das épocas em que todas as questões aqui abordadas eram apenas (uso o *apenas* com medo de reducionismo) histórias ouvidas de velho. Imaginação, criação de familiares para se engrandecer, fazer de sua vida algo *épico*. Aquelas narrações ouvidas na infância, que tempos depois pareceriam cheias de exageros, em boa parte construíram a memória de futuro dos que as ouviram. No meu caso, creio que se formou uma memória de futuro de saber os limites daqueles exageros, imaginações, criações... A curiosidade em ler livros para saber mais e passar tempo, juntamente com a vontade de se disciplinar no ato de ler o mundo, de fazer pesquisa me levaram a associar um gosto, uma curiosidade despertada por *estórias* e a atuação acadêmica: unir o útil ao agradável. O processo como um todo revelou muitas coisas, mas principalmente que aquelas imaginações, criações estavam, em determinado sentido, certas: a questão é muita complexa. E é ingenuidade imaginar que uma disciplina acadêmica a comportaria. Fiquei aquém da imaginação, até mesmo da minha.

O trabalho ora apresentado é antes de tudo um exercício específico de leitura de mundo, o qual eu sempre quis ler todo, mas ele parece se expandir como o universo: com um *big bang* da imaginação que permeava as histórias ouvidas. Cada vez que olho para esse mundo e tento lê-lo, sinto-o expandindo e reconheço a minha memória *presentificando* aquelas narrativas: é a minha imaginação que o expande e minha leitura *disciplinada* não acompanha essa expansão.

Com o tempo, percebi, no entanto, que meu fascínio era antes pelos sujeitos e nem tanto pelo tema imigração. Eu me interessaria por qualquer tema, desde que houvesse sujeitos envolvidos. O que me atraía eram as pessoas, como elas falavam sobre si mesmas, sobre o mundo. Por isso o trabalho é na verdade uma tentativa limitada, como se vê por essas primeiras palavras, de compreender um pouco do universo dos sujeitos: aqueles sujeitos que criavam mundos com a imaginação. Assim percebi também que era o sujeito que produzia o mundo. E eu fazia parte do mundo: ele me produzia. Mas eu me *vingava*, sabia, pois também o produzia. Viver é essa constante e mútua construção de sujeito-mundo. Compreender essa

relação se tornou meu objetivo. Porém essa compreensão é antes de tudo uma leitura do mundo. Era pelos sujeitos, pois, que eu deveria começar a pensar o mundo, a ler o mundo. Por isso refaço minha afirmação: *O trabalho ora apresentado é antes de tudo um exercício específico de leitura dos sujeitos*. Mas esse sujeito é demais complexo, sua capacidade de construção de si e do outro pela imaginação, pelo dizer amedronta nosso olhar sobre ele. Por isso o perigo que há nesse ato de leitura. Mas um perigo que deve ser encarado, pois “viver é muito perigoso” mesmo.

INTRODUÇÃO

Tenho falado à minha garota:
 - Meu bem, é difícil saber o que acontecerá.
 Mas eu agradeço ao tempo.
 o inimigo eu já conheço.
 Sei seu nome, sei seu rosto, residência e endereço.
 A voz resiste. A fala insiste: você me ouvirá.
 A voz resiste. A fala insiste: quem viver verá.
 Belchior – Não Leves Flores

Entendemos que o mundo é produzido num jogo de inter-relações no qual as partes, sem perderem sua individualidade, sua identidade, formam um todo mais complexo que não se reduz a uma simples soma das partes. “A totalidade é mais do que a soma das partes.” (KONDER, 1988, p. 37). Sendo o mundo um todo, qualquer reflexão que se faça sobre ele, qualquer que seja a “parte focada”, deve se fazer em relação ao todo. Para pensar a linguagem hoje, acreditamos, é necessário considerar a homogeneização e a fragmentação existentes. Encontramos *leituras* a dizer que se fragmentou o mundo, as idéias se fragmentaram, as teorias se fragmentaram. Marx e Engels criticavam¹ os ideólogos alemães de sua época por entenderem que eles estavam querendo explicar o mundo de então de forma idealista, distante da materialidade sócio-histórica, quando na verdade eram as idéias deles que precisavam ser explicadas pelo mundo material. “A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social” (BAKHTIN, 1929, p. 35) É o problema da ideologia (ver capítulo 2, parte III deste trabalho). Será que não haveria algo semelhante com nosso mundo *pós-moderno*? Ou seja, será que não haveria a construção de explicações (idéias a respeito do mundo) que na verdade são frutos das condições atuais, que ao invés de explicar precisam elas serem explicadas?

As *leituras* sugeridas no parágrafo anterior se constituem no viés dito pós-moderno²; este prega que se destruíram as identidades, fragmentaram-se as grandes teorias, o que Lyotard (1979), representante dessa corrente, chama de “grandes Relatos”. E da “decomposição dos grandes Relatos (...) segue-se o que alguns analisam como a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais” (LYOTARD, 1979, p. 28). O mundo, para o pós-moderno, parece que

¹ “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência.” (MARX, K. e ENGELS, F. (1932). **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 52).

² “Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX.” (LYOTARD, 1979, p. xv).

deve ser explicado pelas micro-relações. Micro-relações que, nossa visão, não significam uma ênfase no papel do sujeito, mas pelo contrário, seu desaparecimento quase que total. Eis o paradoxo, a *contradição*. Ao mesmo tempo em que não olha para o macro, também não significa que estão olhando para o papel do sujeito. Esse aparece como uma peça de um sistema destituído de um centro. O poder (FOUCAULT, 1979) parece existir por si mesmo, fora da materialidade sócio-histórica. Como se não houvesse sujeito produzindo essa história. Ocorre uma “exteriorização do saber” (LYOTARD, op. cit. p. 4) e, acrescentamos, de todo processo sócio-histórico, ou seja, as ações não são situadas, não possuem um autor. Se por um lado essa fragmentação pós-moderna tem como positivo a possibilidade de tirar privilégios de se atribuir a poucos a autoria da história³, traz também consigo a perversidade de extinguir o sujeito agente, produtor da história, impossibilitando uma perspectiva de futuro em que se poderia agir coletivamente para construir algo diferente, além de criar o efeito de verdade nos micro-relatos, sem sujeito enunciador, como se não houvesse ideologia ou interesse ao se dar uma explicação para o mundo. Vale a pena dizer algo a mais sobre isso.

Alguns vão dizer, como explica Harvey (1989), que o pós-modernismo foi uma reação ao modernismo. Este entendido como:

um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas “para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas.” A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. O domínio científico da natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade se reveladas (HARVEY, 1989, p. 23).

Sobre o pós-modernismo, como reação ao modernismo, poderia dizer que (no seu próprio discurso):

A fragmentação, a indeterminação, e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno. A redescoberta do pragmatismo na filosofia (p. ex., Rorty, 1979), a mudança de idéias sobre a filosofia da ciência promovida por Kuhn (1962) e Feyerabend (1975), a ênfase foucaultiana na descontinuidade e na

³ “Contribui também para elevar todos os jogos de linguagem, mesmo se eles não provêm do saber canônico, ao conhecimento de si mesmos, tende a fazer oscilar o discurso cotidiano numa espécie de metadiscursos: os enunciados comuns manifestam uma propensão a se citarem a si mesmos e as diversas posições pragmáticas a se referirem indiretamente à mensagem aliás atualizada que as concerne.” (LYOTARD, op. cit. p. 114)

diferença na história e a primazia dada por ele a “correlações polimorfias em vez da casualidade simples ou complexa”, novos desenvolvimentos na matemática (...), o ressurgimento da preocupação, na ética, na política e na antropologia, com a validade e a dignidade do “outro” – tudo isso indica uma ampla e profunda mudança na “estrutura do sentimento” (ibid., p. 19).

Assim, em oposição a uma modernidade vista como homogeneizante, unificadora, universalizante, racionalista ao extremo, totalizante, aproximada (inclusive e principalmente pelos pós-modernistas) dos sistemas políticos autoritários (fascismo, nazismo, estalinismo), o que não significa em hipótese alguma que todos os pensadores tidos como modernistas apoiassem tais sistemas, o pós-modernismo se apresenta como democrático, heterogêneo, tolerante, individualizante, mutável, fragmentário, etc. Diante de um mundo marcado por guerras, intolerâncias das mais diversas naturezas (sexual, religiosa, política, etc), exploração econômica, acúmulo de riqueza e miséria, a recepção do discurso pós-moderno se torna muito grande. Ao abandonar as concepções modernas totalizadoras, o pós-moderno tende a adentrar no mundo de vozes excluídas (minorias étnicas, mulheres, homossexuais, etc). Diante desta posição *plural* do pós-modernismo *auto-construída*, podemos perguntar com Harvey (op. cit., p. 47) se:

Terá ele um potencial revolucionário em virtude de sua oposição a todas as formas de metanarrativa (...)? Ou não passa de comercialização e domesticação do modernismo e de uma redução das aspirações já prejudicadas deste a um ecletismo de mercado ‘vale tudo’, marcado pelo *laissez-faire*?

Um olhar situado no futuro, mais panorâmico, poderá responder com mais segurança a essas perguntas do que nós imersos no seu bojo.

Mas isso não nos impede de assumir posições. E tenderíamos a aceitar melhor a segunda opção dada por Harvey e a entender que “estratégias pós-modernistas e pós-colonialistas, que parecem libertadoras, em vez de desafiar as novas estratégias de domínio coincidiriam com elas, até reforçando-as involuntariamente!” (HARDT e NEGRI, 2000, p. 156). Embora, como é corrente afirmar, inclusive pelos próprios pós-modernistas, as afirmações categóricas devam ser evitadas, pois poderiam ser derrubadas logo em seguida. Diz-se que não se pode assumir uma posição com resolução, pois é estar sendo fechado, radical. Precisa ser aberto! O tempo é do fim dos sonhos (*fim* do sonho socialista, queda do muro de Berlim, guerras quentes mostradas pela televisão). Sem fronteira, sem delimitação de espaço: *globalização*. Busca de estabilidade econômica. Tem de ser paradoxalmente estável, um mundo instável! E o neoliberalismo assola o horizonte com seu tecnicismo. Fim das ideologias. Destrói-se a beleza do “prefiro ser essa metamorfose ambulante / do que ter aquela

velha opinião formada sobre tudo.”⁴ Na verdade, busca-se não deixar ter opinião alguma. Frase virou clichê. Grande capacidade que o *capitalismo pós-moderno* tem para usar uma frase de quem nunca o defendeu. A metamorfose raulseixista nos coloca que a mudança é contínua e pressupõe, por outro lado, formas, ainda que momentâneas, ou seja, temos formas (leiam-se opiniões). Isso implica que não há problema em se mudar de forma, opiniões, mas, mesmo que momentaneamente, tenha-se uma, que se posicione, que se assuma a responsabilidade de dizer, de se constituir, de buscar *ser mais* e alcançar o “inédito viável” (FREIRE, 1992).

No nosso entender, a posição pós-modernista produz uma supressão do sujeito. As confusões são muitas. Uma coisa é ser teimoso e não querer reavaliar as posições, outra é abdicar de seus princípios e simplesmente dizer “esqueça o que escrevi”. Essa diferença é fundamental para saber quando se está sendo resistente às mudanças, a se dispor a novas possibilidades e quando se está vendendo a uma possibilidade, se filiando a uma idéia que satisfaça mascaradamente um interesse individual de momento, abandonando aquilo por que se lutou sempre. Uma coisa é valorizar o aprendizado acumulado, outra é defender um estado de coisa conveniente a interesses pessoais. Tudo isso tem como conseqüências a pulverização do sujeito: não se pode afirmar nada categoricamente, não pode assumir posição com radicalidade (no sentido de quem vai a fundo), misturam-se convicção e fundamentalismo. E o sujeito, que se constitui na fala, não mais se constitui, pois não pode afirmar, não pode tomar a palavra. Eis um bom método para silenciar ainda que deixando falar; e se diz: democracia. Pode-se falar, mas se afirmar algo categoricamente, com convicção será desqualificado, ridicularizado, *deslegitimado* (LYOTARD, 1998). E os instrumentos para isso estão todos armados⁵: academias, mídias etc.

Na verdade, estamos num mundo de desigualdade e injustiça, em que reina a exploração de uns poucos sobre a grande maioria. E para manter esse mundo de desigualdade precisa da fragmentação e de sua contraditória e dialógica negação: a construção de identidades abstratas e forçosas. Dividir as classes, os grupos através da divisão dos meios de produção, não permitir que haja grandes conglomerados de sujeitos num mesmo lugar, para não haver sindicatos, clubes etc. Nem mesmo sujeito é desejável que haja: melhor fosse se todos vivessem como hipnotizados! Por outro lado, temos as *redes* abstratas e autoritárias, das

⁴ Raul Seixas, *Metamorfose Ambulante*, In: Passos e Buda, p. 144, s/d.

⁵ “Já tá tudo armado, o jogo dos caçadores canibais / Mas o negócio é que tá muito bandeira!!! / Tá bandeira demais, meu Deus!!!” (Raul Seixas, *Metrô Linha 743*, in: Passos e Buda, p. 278, s/d)

quais, por exemplo, nos falam Hardt e Negri (2000)⁶. Nada melhor do que um aparelho de televisão que cria a idéia de se estar junto, a internet que cria comunidades - virtuais. As formas de comunicação são efêmeras. Tal discurso não busca defender a liberdade individual, embora queira aparecer assim, mas para que se permitam as divisões, para que não haja identificações e, não havendo essas, torne difícil a ação entre: a interação, o ir a um mesmo rumo, por uma mesma causa. A imigração, por exemplo, funciona(ou) como mais um desses modos de divisão de um grupo; misturados parecem não constituir um todo e lutar pelos mesmos objetivos, perdem a idéia de nação. Vimos muitos movimentos no sentido de destruir as identidades. Só para situarmos em um ponto com o capitalismo no auge como descrito por Marx e Engels, temos, entre outros eventos, como fragmentários: unificação de um país como Itália na Europa que produz uma falsa e abstrata identidade e sentido de todo, uma ilusão de pertencimento quando o que se pretende é a imposição de um modo de vida; a divisão dos países africanos pelo colonialismo para explorar; as grandes guerras ameaçam as identidades locais; o surgimento do nazismo, do fascismo no século XX são modos de divisões. O combate a tais eventos fragmentários se dá não pelo que eles têm de ruim e feio, mas pelo que têm de unificador de um grupo que ameaça a hegemonia. Os exemplos somar-se-iam quase ao infinito. Não se quer uma união do mesmo seja qual for. Ainda que seja de uns que dividem outros. Mais uma contradição. A fragmentação impera como fator primordial na manutenção do sistema capitalista explorador, desigual, injusto. Os pós-modernos apresentam⁷ suas teorias como descrevendo um modo como o mundo é atualmente. Mas o mundo não é. Ele foi e está sendo construído historicamente pelos agentes sociais. Eis a ideologia: as idéias surgem a partir das condições materiais, social e historicamente, produzidas e querem explicar estas condições, mas na verdade são elas que precisam ser explicadas pelas condições sócio-históricas. Essas idéias precisam ser explicadas pelas condições materiais atuais: a saber, um mundo desigual e injusto que precisa permanecer assim para continuar mantendo os privilégios de uns sobre os outros. E isso se faz através da fragmentação, da não permissão para se unir contra os dominadores. E nessa epopéia capitalista fragmentária, eis a tentativa do *fecho de ouro*: a história acabou! Ora, nem a história terminou, nem os sujeitos se

⁶ “Com o declínio das fronteiras nacionais, o mercado mundial é libertado do tipo de divisões binárias que os Estados-nação impuseram, e neste novo espaço livre diferenças inumeráveis aparecem. Essas diferenças, é claro, não atuam livremente num liso espaço global, mas são de preferência arregimentadas em redes globais de poder, que consistem em estruturas altamente diferenciadas e móveis. (...) O mercado mundial estabiliza uma verdadeira política da diferença.” (p. 169).

⁷ “Porém, aos seus próprios olhos [dos pós modernos], a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar a nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, a fim de que a razão histórica ali enxergue novos objetos de estudo.” (SANTIAGO, 1998, p. 127).

desconstituíram todos. As resistências, *responsivas ativas*, diárias (inclusive *coletivas*) o provam. E não pretendemos fazer aqui uma lista de resistências. Isso deixamos para os técnicos (e se nos perguntarem quem são os *técnicos*, diremos que são aqueles que fazem esse tipo de pergunta) que se preocupam em classificar⁸ o mundo, em compartimentá-lo.

A fragmentação destrói assim os indivíduos na medida em que lhes dificulta a interação (socialmente organizada), na qual se constituem identidades, pois é na interação que o mundo acontece, nela participa a linguagem, constituindo e sendo constituída, nela, o sujeito. Sem interação não há mundo para o ser humano.

Segundo Marx e Engels, a história da humanidade é marcada pela luta de classes. E o próprio capitalismo cria suas armas de destruição ao fazer dois blocos distintos e antagônicos: Burguesia x Proletariado. Mas eis a fragmentação impedindo isso. A história não estava parada e as lutas pelo poder levam a novas formas de exploração, de manutenção da ordem.

A fragmentação, na verdade, é ideologia. Queremos com isso dizer que a *descrição* do mundo pelos pós-modernos como fragmentado, dividido, sem unidade se trata de um discurso, logo traz em si a ideologia de quem o *descreve*. Imaginar que não existe núcleo de decisões, que o poder não tem origem, centro, mas que surge de todos os lugares e posições, é aceitar que todos decidem, tem o mesmo poder; essa visão de mundo interessa a quem já está no poder, pois tende a convencer quem não está de que ele também está decidindo. O mundo ainda está, de alguma forma, dividido entre dominadores e dominados, exploradores e explorados⁹. Fetichismo, consumo, alienação apresentam um mundo sem fronteiras, global, sem história, um **eterno presente desumanizante**. Desumanizante, sim, porque funciona para apagar as possibilidades de agir e transformar e se transformar dos sujeitos, de fazer história. Tenta-se robotizar os sujeitos. Mas mesmo com todo esse trabalho ideológico o sujeito se movimenta nas interações: dialogicamente, constitui-se e constitui esse mesmo mundo e ideologia que querem constituí-lo de forma estabilizada dizendo-lhe que é diferente de todos: está só no mundo, sem classe, sem grupo. E mesmo ao olhar para um grupo o vê desvinculado do restante, como se a luta homossexual nada tivesse a ver com a das mulheres, das minorias étnicas, etc.

⁸ “A procura de definições como pré-condição para desencadear qualquer tipo de explicação posterior é típico da tradição racionalista que também prega que a prática tem que suceder a teoria, jamais podendo ser conduzida de forma paralela ou independente.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 80). “...todas as distinções são no fundo hierarquias.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 56)

⁹ “Embora no novo terreno do Império a exploração e a dominação nem sempre possam ser definidas em lugares específicos, elas, todavia, existem.” (HARDT e NEGRI, op. cit. p. 231)

O desafio é olhar o sujeito de forma dialética e dialógica. Isso para nós significará que esse sujeito é “atingido” pelo processo histórico no qual ele está inserido e que é no jogo das interações sociais que ele se constitui, com as contradições que movem sua história. Não que seja produzido como uma simples síntese de aspectos estranhos a ele, mas que ele se constitui e constitui o *outro-da-interação* continuamente.

Como podemos ainda hoje falar em sujeito? Ao olharmos a história retrospectivamente, observamos que gradualmente procedeu-se um deslocamento da noção de sujeito:

Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história, e finalmente com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo e percebeu que ele próprio é constituído por uma estrutura – a estrutura da linguagem. (FERREIRA apud OLIVEIRA, 2007, p. 16)

Canclini (2005, p. 191) acrescenta a contribuição do estruturalismo:

O auge estruturalista contribuiu também para abolir o sujeito consciente ou, pelo menos, convertê-lo num fenômeno residual. A radicalização do formalismo saussuriano, sobretudo do primado da língua (sistema de regras fonológicas, parte social da linguagem) sobre a fala (ato singular do falante), somada ao predomínio da estrutura sobre o processo e a função, engendraram uma estratégia objetivista ou operacionalista para analisar os fenômenos humanos.

Radicalizando, poderíamos citar Morin (1999, p. 41):

“Acredito que hoje seja necessário dizer: sejamos irmãos porque estamos perdidos num planeta suburbano, de um sol suburbano, de uma galáxia periférica, de um mundo desprovido de centro.”

Entendemos que há pelo menos duas posturas postas pelas citações sobre a definição de sujeito. Uma foi a busca de superar a postura idealista, racionalista, cartesiana do “penso, logo existo” que dominou o pensamento por alguns séculos que parecia enxergar um sujeito que existia por si mesmo, fora da materialidade sócio-histórica. Esse deslocamento vem com o pensamento de vários autores como os já citados (Marx, Darwin, Freud etc.).

Outra postura que temos é um olhar pós-modernista fragmentário. Nessa, como no trecho citado de Ferreira, e em certos aspectos no de Morin, embora use os mesmos autores para mostrar o descentramento e aparentemente os mesmos argumentos, temos na verdade um olhar para os sujeitos como algo dado e não produzido pela história. Uma visão que acaba por servir de sustentação para o *status quo* da sociedade na medida em que vê os

sujeitos de modo fragmentado por uma relação de causa e consequência, como se fosse algo natural o fato de haver uma perda das identidades e não que está sendo produzida pelas condições sócio-históricas.

Diante de tudo isso, engendraram-se análises (por exemplo, Althusser, pelo menos nas interpretações feitas pelas análises de discurso, principalmente a de linha francesa) que parecem não considerar mais o papel do sujeito. Como olharmos para o sujeito sem, ao mesmo tempo, sermos ingênuos de achar que ele é o centro, mas também não apagarmos seu papel? Vamos dizer, nesse momento, apenas que isso é possível com um olhar dialógico: o sujeito se constitui e é constituído nas suas interações. Logo, nem se constitui totalmente sozinho nem é totalmente constituído pelo outro, pelo exterior. Colocando-nos numa postura ética compromissada com o futuro, não podemos deixar de acreditar no papel do sujeito, pois “se não há sujeito, evapora-se a possibilidade de que haja uma ação que transforme a ordem vigente e dê um sentido responsável ao devir.” (CANCLINI, 2005, p. 192).

É acreditando ainda no papel do sujeito como produtor da história, mas um sujeito que se constitui na interação sócio-histórica e não que se cria por si mesmo, que nos lançamos ao desafio dessa pesquisa. Temos como proposta o estudo de enunciados de imigrante¹⁰ residente no Brasil há algum tempo. A questão central deste trabalho será ver como as memórias do passado e do futuro, conforme estabelecido por Bakhtin (2000), participam do processo de constituição do sujeito aceitando que todo texto tem um autor o qual é possível de ser identificado.

Escolhemos pessoas que falam de si, uma espécie de autobiografia, para analisarmos seus dizeres como uma forma de se auto-constituir, criar suas identidades; e numa época em que se emigra, abandona seu país, de guerras, *globalização* etc. É o fato de perder as individualidades que os faz escrever? É uma forma de buscar uma identidade perdida?

Para pensar isso, acreditamos, em um estudo lingüístico, devemos primordialmente levar em consideração a questão da interação sócio-verbal. Por isso, para entrarmos em um campo tão complexo, pretendemos trabalhar com o discurso do imigrante a partir da análise de enunciados produzidos por sujeitos que já estão no país há algum tempo, pois já estarão integrados à vida brasileira (já terão tido uma “interação mais sólida”).

¹⁰ Talvez valesse a pena dizer ainda que rapidamente o que seria o imigrante para nós. Em parte é o que diz Bueno (2006, p. 2): “é um indivíduo ou um grupo de determinada nacionalidade que aporta no país para trabalhar, trazendo consigo outras tradições, valores, cultura”, mas não só, pois nem todos vieram para trabalhar, já que muitos vieram fugidos da guerra, obrigados pelos países, como o caso de Laganá que analisaremos, e outros motivos.

Algumas das principais correntes migratórias para o Brasil ocorreram no final do século XIX e começo do XX, embora tenha havido imigrações após a segunda guerra mundial, nos anos 50 e 60, ou seja, já na segunda metade do século XX. Muitos desses imigrantes vieram novos para cá, portanto estariam “bem integrados” ao país depois de alguns anos. Daí selecionarmos textos desses imigrantes produzidos e publicados depois de já estar aqui há algum tempo (ou seja, textos produzidos por aqueles que vieram de fora do país e vivem – viveram - há algum tempo aqui).

A *interação* terá posição importante em nosso trabalho. É a partir dela que analisaremos como o indivíduo-imigrante busca se constituir em seu discurso. Mas a ação de se constituir, com outra qualquer, se realiza pela presença das memórias (do passado e do futuro) compartilhadas¹¹. Por isso também olharmos para quais memórias que o imigrante compartilha.

Ao pegarmos enunciados produzidos por sujeitos já “integrados”, aqueles que vivem há algum tempo no país, pretendemos olhar para enunciados que estão refletindo e refratando a realidade vivenciada no Brasil. Ou seja, o Imigrante traz seu mundo, sua ideologia e esses em contato com a nova realidade se interpenetram. Essa interação é importantíssima para nós. Isso porque o enunciado, constituído de signos ideológicos, é polifônico, ou seja, há mais de uma “voz” em seu interior. Nos enunciados produzidos nas condições consideradas para essa pesquisa, pressupomos vozes trazidas pelos imigrantes e vozes aqui apreendidas. Isto é, houve uma mistura, a qual produz que tipo de enunciado? Ou seja, que tipo de identidade o sujeito cria sobre ele mesmo a partir desses dizeres que comportam diversas vozes?

Colocamos como hipótese que o imigrante traz elementos novos para o universo discursivo brasileiro. Mas o imigrante não foi inserido na sociedade brasileira para modificar nada e sim para dar continuidade ao sistema: na medida em que não mais havia escravos, era preciso outra mão-de-obra para dar prosseguimento às engrenagens do sistema vigente.

Consideramos que todo enunciado tem um autor (AMOSSY, 2005), um sujeito que o produz e nesse processo deixa suas “pistas” de autoria, de enunciação (nesse enunciado), e a partir dessas “pistas” é possível identificar um todo enunciativo, filia-lo a um grupo sócio-ideológico, que sempre está respondendo a um outro, seja para concordar com

¹¹ Devo esse termo a Profa. Maria Silvia Cintra Martins que me corrigiu durante um seminário na matéria que ela ofereceu no mestrado. Eu utilizava termos como **carregar**, **trazer memória**. Porém, estava contraditório com o conceito que pretendo desenvolver nesse trabalho em que memória não é um depósito de lembranças.

ele, seja para discordar dele. Por isso preocuparmos com questões de como o imigrante se instaurar no texto, como o sujeito-imigrante se impõe, como ele revela sua autoria, sua diferença face à homogeneização que busca dominar a todos.¹² Observar as imagens construídas por eles de si mesmo e como as memórias do passado e do futuro participam da sua constituição como autor. Pois quando fala, o sujeito direciona sua voz para a construção de imagens que o filiem a uma identidade.

E o melhor lugar de se investigar a constituição do sujeito, acreditamos, é no interior do signo lingüístico, ou melhor, do signo ideológico, pois, de acordo com Bakhtin (1929, p. 46): “O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes.”. Ou seja, há uma luta para se *colocar*, com suas ideologias, no signo.

Não estamos pensando em questão de “identidade” como uma busca para identificar-se como alguém de uma cultura típica com sua culinária, seu vestuário, sua música, costumes, hábitos, religião, festas etc, mas sim uma busca por diferenciar-se, pelo discurso, de um outro discurso homogeneizador. Ou seja, entendemos que ele não quer se definir em A ou B estrangeiros, mas sim interpretar o mundo diferentemente de como está posto na sociedade, na qual se quer todos “iguais” para dominar. Ele sabe que está inserido nessa sociedade, mas (ele se considera inserido) não exatamente como querem que ele esteja. Ele é diferente enquanto indivíduo e grupo¹³, mas faz parte dessa sociedade e não quer se excluir: ele veio para cá e aqui está até agora e gosta. Por isso, busca na memória a sua origem, pois quer procurar elementos históricos que sustentem uma visão e uma ideologia diferentes, mas não repele a nova realidade, a nova cultura; ele quer ser brasileiro.

Vim andando desde a Itália e cheguei a ser brasileiro. A pátria também está dentro de nós e eu a chamarei de Amor. (CUPELLO, 1973, p. 100).

Em contraposição, devem existir sujeitos e grupos que não se propõem a se integrar, que se isolam buscando manter sua “identidade”. Por exemplo, comunidades no sul do país em que os integrantes falam a língua de origem, se vestem como no país de origem, etc. Mas esses não serão objetos de reflexão por nossa parte no momento. Interessam-nos

¹² Geraldi (2003^a, p. 40) diz: “Na seriedade superficial e cotidiana de uma imprensa que comenta fatos e prega o discurso hegemônico e com pretensões de ser único, os discursos que apontam as desgraças, as misérias e os sofrimentos são ironizados. De qualquer voz contrária que se levante, cobra-se a proposição de um mundo acabado e sem as mazelas contemporâneas. Cobra-se que da proposição surja uma realidade por passe de mágica. Não havendo tal proposição nem sua magia, o discurso é tornado vazio de sentido pela imposição dos sentidos preexistentes.”

¹³ “Seriema se pergunta se a imigração é um ganho ou uma perda, se é preciso ou não renegar as origens para se integrar no novo país quando se é filho de imigrante.” (MILAN, 2000, p. 1).

aqueles que aceitaram a condição de viver em interação na posição de sujeito-imigrante, mas não aceitaram, acreditamos, o estado de coisa reservado para eles: ser mais um na sociedade. E esse “um” é um “um” explorado, apagado em sua condição de indivíduo e classe diferentes.

Para refletir sobre esses aspectos da/na linguagem, temos analisado enunciados produzidos *voluntariamente* por imigrantes italianos no Brasil. Dizemos *voluntariamente* porque temos selecionado textos em que os autores se propuseram a falar, não porque alguém solicitou para compor uma coletânea de relatos de memórias, mas porque ele por qualquer motivo que seja, se propôs a escrever sobre ele e o grupo social que o rodeia. Embora esses textos-livro tenham um caráter autobiográfico, não se trata, na nossa visão, propriamente de autobiografia, já que aborda aspectos outros além da vida de quem escreve. A escolha está se dando a partir da disponibilidade deles, sendo que não se encontram tantos textos nessa categoria: de um modo geral, os imigrantes no Brasil só assumiram a palavra ao ser-lhes solicitados. Os textos-livro que selecionamos para analisar são: *Memórias de um Imigrante Italiano*, de Julio Lorenzoni; *Memórias de um Imigrante*, de Francisco Cupello e *Terra Amada*, de Liliana Laganá. A escolha seguiu os seguintes critérios até aqui: os autores pertenciam a três momentos da imigração distintos o que permitiria uma visão panorâmica: o primeiro é da primeira leva, ou seja, o autor chegou ao Brasil no fim do século XIX, precisamente em 1878; o segundo veio após a primeira guerra mundial (em 1927, especificamente) e o terceiro veio após a segunda guerra mundial, especificamente em 1955. São textos de pessoas que nasceram na Itália e vieram para o Brasil ainda muito jovem, na adolescência e que, portanto, trazem memórias de lá (passada) e daqui (futuro). Os livros são relatos sobre a vida na Itália, a viagem e a vida aqui no Brasil.

Isso se relaciona com os estudos atuais das identidades, as quais, em muitos casos, aparecem fragmentadas sob um olhar *pós-moderno*. Gostamos de dizer: é na direção do reconhecimento de identidades, como processo, apreensíveis no tempo e no espaço que caminhamos. E contra um olhar *globalizante* que esmaga as diferenças e coloca todos na vala comum de um eterno presente que projetamos nosso olhar. Vamos buscar nas memórias do passado e do futuro desses sujeitos a tentativa de construção de uma nova explicação para o sujeito, para reconhecer seu papel: uma visão que saia do idealismo de um sujeito *per si* e do fatalismo de uma concepção que atribui ao sujeito uma mecanicidade desumanizante.

Fizemos essa introdução explorando a questão do pós-modernismo por entendermos ser importante nos situar dentro do contexto histórico em que vivemos. O objetivo era abrir uma janela e apresentar como vemos o mundo em que iremos atuar, pois uma pesquisa, por menor que ela seja como é nosso caso aqui, processa-se dentro de um

mundo, e não em um laboratório artificial sem influência do resto do mundo. Não tivemos a pretensão de descrever o mundo como um todo, de esgotar a possibilidade de leituras, nem muito menos fazer uma história do pensamento dos últimos séculos. Tão somente pretendíamos estabelecer um marco (nosso) inicial.

CAPÍTULO 1

Um espectro persegue o mundo, o espectro da migração.
(HARDT e NEGRI, 2000, p. 233).

I – PONTOS DE PARTIDA

O Brasil possui uma formação social toda particular. O país se formou a partir da mistura de muitos povos que para cá vieram. Em princípio, além dos indígenas, eram os colonizadores europeus em busca de riquezas. Os escravos seriam introduzidos em seguida para atender a um projeto de exploração. Com o fim dessa horrível prática, e até antes de ela acabar definitivamente, precisava de uma alternativa para substituir a mão-de-obra na execução das tarefas destinadas a sustentar a estrutura social vigente. A opção foi o imigrante. A partir da segunda metade do século XIX houve uma “invasão” de outros povos no Brasil. Alguns vinham fugidos de guerras, do desemprego, outros apenas em busca de grandes lucros, iludidos por uma terra “em que, se plantando, tudo dá”. Era o sonho de “fazer a América”. Aconteceu dos imigrantes darem uma outra cara ao Brasil: este nunca mais seria o mesmo.

O imigrante adentrará todas as esferas das relações sociais em nosso país. Está presente em praticamente todos os lugares: política, religião, esporte, música, comércio etc.

Sobre a participação dos imigrantes na política encontramos consistente análise no trabalho de Fausto e outros (1995). Nesse trabalho eles mostram a participação dos italianos, sírios, libaneses, judeus, japoneses na política e como eles foram buscando se impor na sociedade brasileira. Grün (1992) explora a participação dos armênios nos negócios (comércio e indústria) e de como eles buscaram se colocar e manter sua identidade dentro da sociedade brasileira. No caso do esporte, temos o trabalho de Araújo (2000), só como exemplo de um estudo de caso, que mostra a participação dos imigrantes italianos na construção do clube de futebol Palestra Itália. Truzzi (1992) e Salles (1997) nos apresentam como os imigrantes chegam a ocupar profissões de *destaques* na sociedade.

O imigrante mudou o país. Muito do que somos devemos a esse personagem, central em nossa história. Na evolução da entrada de imigrantes no Brasil, Cupello, (1973, p.

13) diz que “a imigração italiana tem início em 1836 com a fundação, às margens do Rio tijuca, em Santa Catarina, de um núcleo composto de agricultores ‘piamonteses’”, mas não encontramos referência a esse fato nos autores que consultamos¹⁴. Em 1840, o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro introduzia os primeiros imigrantes (portugueses) no Brasil, em Limeira-SP, eram 90 colonos na fazenda Ibicaba (BEIGUELMAN, 1968, p. 82). Em 1847, com a ajuda do governo imperial, o mesmo Vergueiro recebia 423 imigrantes, agora alemães, para trabalharem como colonos na mesma fazenda.

O senador Vergueiro encabeça uma verdadeira campanha para financiamento da vinda de imigrantes para o Brasil no sistema de parceria entre o governo e os fazendeiros interessados. Na verdade, os maiores beneficiários eram os próprios fazendeiros, pois a parte que eles pagavam com viagens, hospedagens etc, cobravam dos imigrantes posteriormente. Em 1852, o Visconde de Indaiatuba também introduz colonos alemães na fazenda Sete Quedas em Campinas. (BEIGUELMAN, 1968, p. 84). Já no ano de 1859, entraria mais cerca de 800 imigrantes portugueses. Era a época em que já havia um descontentamento com os primeiros imigrantes.

Em 1870, o mesmo Vergueiro, há pouco citado, intervém para que o governo pague todos os gastos com a vinda dos imigrantes, pois o sistema não estava funcionando: os retornos para os fazendeiros eram pequenos. Desse modo, o governo liberou a entrada de até 200.000 imigrantes no país nesse momento com tudo pago com o dinheiro do império (público).

Com os apoios do governo, cada vez mais os fazendeiros se interessam pelo trabalho do imigrante. Isso ocorre pela necessidade de mão de obra. Os obstáculos para adquirir escravos começam com a proibição do tráfico internacional de escravos ainda na década de 1840. No Brasil, uma série de leis virá antes da abolição definitiva, em 1888. A Lei do Ventre Livre de 1871 e a Lei do Sexagenário de 1885 são exemplos. Com a escassez de escravos no mercado devido às proibições externas e internas, surge a opção pelo imigrante. E conforme vai dificultando o acesso aos escravos negros, vai aumentando a procura por imigrantes. Assim, de 1820 a 1876 entram cerca de 350.000 mil imigrantes no Brasil (KLEIN, 1994, p. 36). Só no ano de 1880 entram no Brasil cerca de 30 mil imigrantes; e em 1888, ano

¹⁴ Plínio Carnier Júnior faz referência à chegada dos primeiros imigrantes: em 1812 entraram cerca de 400 chineses; em 1818, 1700 suíços; mas como nessa época o Brasil ainda não era independente politicamente, talvez fosse melhor falar em colonizadores, como o próprio autor parece indicar (p. 9). Em 1824, chegaram então os primeiros imigrantes alemães. Em 1836, chegariam os primeiros italianos. (CARNIER JÚNIOR, 2000, p. 9-11)

da abolição, entram cercam de 132 mil (KLEIN, 1994, p. 31). Três anos depois entram mais de 215 mil.

Desde o começo, o sistema de parceria foi um dos mais adotados. Por esse sistema os colonos ficavam responsáveis por cuidar de uma dada quantidade de pés de café. Depois de colhido e vendido o café, o lucro líquido era dividido entre o dono e o colono. O dinheiro que o fazendeiro gastara com passagem, hospedagem etc era descontado na parte do lucro do imigrante. O fazendeiro até deixava os colonos usar certas partes da fazenda para plantar alguns produtos para a subsistência. E desses não participava nos lucros. Mas geralmente eram terras poucas produtivas.

Acredita-se que o sistema de parceria no começo não funcionou tão bem porque geralmente o colono era colocado nos cafezais depois que os pés já estivessem grandes. Isso porque não pretendia pagar salário para os colonos até que os cafezais comessem a produzir, hora que poderia dividir os lucros. E também não se queria que os colonos usassem as terras entre os pés de cafês (BEIGUELMAN, 1968).

O colono tinha de confiar no patrão a partir do momento em que se colhia, pois o beneficiamento e a venda eram por conta do fazendeiro. Claro que muitas vezes o colono era enganado pelos fazendeiros e se revoltava. (FAUSTO, 1991, p. 32-36; BEIGUELMAN, 1968, p. 84).

Mas o imigrante em princípio era mal visto. Tinha-se idéia de que eles eram *ociosos* que “não achavam ocupação nos seus países de origem” (BEIGUELMAN, 1968, p. 85). E por isso aceitavam migrar. Veja que já temos uma imagem sobre os imigrantes. Então os fazendeiros pediam garantias ao governo para não ter prejuízos. Beiguelman (1968, p. 86) cita um discurso de 1869 de um deputado que diz que “Em geral, a gente que tem migrado para o Brasil está bem longe de ter a moralidade e qualidade precisas para o trabalho”. Esse preconceito se manterá, por diferentes razões, por muito tempo. Facchinetti (2004, p. 80-81) cita um relatório de 1952 do Conselheiro José Caracas do CIC (Conselho de Imigração e Colonização)¹⁵ que se referia a um grupo de 200.000 imigrantes de “Polônia, Rússia, Romênia, Bulgária, Grécia, Checoslováquia, Iugoslávia, Alemanha, Áustria e judeus” de “pior resídua humano” “sem dignidade”, “sem profissão”. Apesar de que nesse caso se tratava de justificar a opção aos imigrantes italianos em detrimento de outros povos.

A imigração continuaria pelo século XX. Depois da diminuição nos períodos das grandes guerras, “começava o chamado da América, o canto de sereia daquela terra

¹⁵ CIC era um órgão do Ministério da Agricultura.

distante, que se fazia ouvir em cada carta que chegava, e muitos partiram da aldeia naqueles anos.” (LAGANÁ, 2005, p. 23). Isso perdurará até a década de 1960. Quando começa a se inverter o fluxo: atualmente, brasileiros deixam o país em busca de melhores condições na Europa, Estados Unidos, Japão etc.

II – A NECESSIDADE DE ESTUDAR O IMIGRANTE

Mas algumas pessoas vieram falar comigo depois, contando emocionados de pais, avós ou bisavós imigrantes, e isso reforçou minha convicção da necessidade de escrever a história da imigração dando voz a quem a viveu – aos migrantes de todos os lugares e de todos os tempos – para, através das memórias individuais, recuperar a emoção e deixá-la falar, e reconhecer, na emoção e na nostalgia, a verdadeira pátria comum. (LAGANÁ, 2005, p. 160)

E um país como o Brasil que contou com o grande número de imigrantes na sua formação tem de se voltar para eles e analisar o papel deles na sua constituição. O elemento imigrante precisa ser olhado com mais atenção. É verdade que encontramos muitos trabalhos bons sobre esse tema. Porém, o que constatamos é que os principais foram realizados em áreas como a Ciências Sociais. Vejamos, como exemplo, os trabalhos da “Série Imigração” (ver bibliografia), de Hardman, 2002; de Truzzi, 1997; etc.

A lingüística tem dado sua contribuição, talvez não como poderia¹⁶. Não podemos negar que encontramos trabalhos lingüísticos sobre o imigrante. No entanto, o que temos visto publicado até o presente momento por parte da lingüística são trabalhos mais voltados à análise da estrutura, do contato de formas e suas “confusões” na pronúncia e na escrita. Busca-se ver como que um idioma influencia no sistema do outro: privilegia-se a análise da superfície. Exemplificando o que acabamos de afirmar, citamos trabalhos apresentados nos últimos três Seminários do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo): 2005, 2006 e 2007. Esses trabalhos são representativos, pois são uma boa amostra do que se tem feito nos melhores centros de pesquisa do país devido à importância do evento. Encontramos, nos cadernos de resumos desses seminários em 2005, menos de duas

¹⁶ “Nas Ciências Humanas, o tema da imigração foi desde cedo abordado por trabalhos de sociólogos e historiadores, por exemplo. Mas a análise da questão a partir da lingüística, focalizando a diversidade das línguas introduzidas no Brasil pelos imigrantes, não foi considerada até recentemente com a força histórica que teve, capaz de produzir em certos momentos estremecimentos na imagem de unidade da língua nacional brasileira.” (BOLOGNINI e PAYER, 2005, p. 1)

dezenas de trabalhos que refletiam sobre o uso da língua pelos imigrantes. Mas de um modo geral não propunham uma reflexão a partir de pressupostos teóricos dos estudos discursivos. Vejamos o que se propõe a fazer Luísa Cristina Dematte em 2005. No seu trabalho ela “pretende analisar a fala de imigrantes italianos da cidade de Flores da Cunha, RS, no âmbito da troca de fonemas entre vibrante múltipla e tepe no início de vocábulos, levando em consideração os fatores extralingüísticos, idade, sexo e anos de escolarização, baseando-se nas teorias variacionistas de Labov...” (Caderno de Resumos do 53º GEL, p. 584). Em contraposição, poderíamos dizer, vemos um trabalho como o de Alexandre Marcelo Bueno, que busca “analisar as significações produzidas pelas formas de intolerâncias na interação entre a sociedade receptora e os imigrantes de diferentes nacionalidades”, (ibid., p. 451) e para isso a língua será “entendida tanto como mecanismo de distinção/discriminação entre sujeitos/grupos sociais quanto como preservação de traços que definem a alteridade.” (ibid., 451) Também coloca que trará a questão da “interação cotidiana” (ibid., p. 451). Tal trabalho parece ir mais ao encontro de uma análise mais interessada em desvendar o que se esconde por traz da ideológica aparente univocidade. Mas (talvez por se tratar apenas de um resumo), não nos é esclarecido se vai ou não submeter os enunciados a uma análise de cunho discursivo (embora pudéssemos ver isso sugerido). Ou seja, não se assume como tal. E não sabemos o prejuízo disso. Na dissertação de mestrado, o mesmo autor diz que vai analisar a “questão da intolerância e do preconceito lingüísticos em relação aos imigrantes” (BUENO, 2006, p. 13). Portanto, sem pretender desmerecer os trabalhos até aqui feitos, o que temos encontrado não nos satisfaz, não responde a nossas perguntas. Nos cadernos de 2006 e 2007, caiu muito o número de trabalho sobre tema imigração. Em 2005, tínhamos mais de uma dezena sobre tal tema, em 2006 encontramos quatro e em 2007, três. Mas todos esses estão preocupados mais com a estrutura, o contato das línguas, as variações.

Ainda não foi feito, em lingüística, um trabalho sobre o presente tema que explore a questão da constituição do sujeito-imigrante ao enunciar. Um trabalho que busque nos enunciados concretos a materialização de um sujeito, oferecendo contribuição para pensarmos formação histórica do Brasil: entendemos que a formação do país se dá pela formação/constituição dos sujeitos. É preciso, defendemos, então, que nos dediquemos a analisar esses aspectos.

Precisamos considerar o ainda trabalho de Payer (2006). Nesse trabalho, originalmente sua tese de doutorado, na Unicamp, ela trabalhou com a “memória do descendente de imigrante italiano na língua do Brasil”, buscando demonstrar que o descendente traz uma memória de sua língua de origem – Italiano, que foi apagado pela

política oficial do Brasil - a qual se faz presente na língua aqui falada – Português. Esse trabalho indica caminhos produtivos na medida em que explora também a questão da memória com uma forma de constituição do sujeito de linguagem. A autora identifica como o que foi apagado, que está ausente (ou seja, sua língua materna), participa na constituição do sujeito (p. 55). Trata-se de observar o que da língua dos imigrantes foi apagado e como esta ausência produz sujeitos de linguagem. Entendemos, então, que é um estudo, principalmente, do aspecto lingüístico de como a memória na “constituição lingüístico-discursiva do sujeito” (p. 150).

No nosso caso, adiantamos aqui, vamos tentar acrescentar uma reflexão de como as memórias (entendidas também como imagens de mundo, visão de mundo, concepção de mundo) que compartilham atuam (em seu dizer, enunciar) para construir uma imagem de si, compreendendo como imagem o modo de se colocar no mundo, um constituir-se como sujeito.

Pelo que ficou exposto acima, acreditamos que não podemos, enquanto estudiosos cujo objeto é a linguagem na interação, ignorar esse segmento social. Seu papel na sociedade brasileira é dos mais importantes, por isso compreender como eles atuaram e atuam na formação brasileira torna-se algo inadiável. O que falamos tem uma relação com o que fazemos e vice e versa. E o que foi falado e feito tem relação com o que estamos fazendo. Assim, pela importância do Imigrante como posto acima, para entendermos o que se faz e fala hoje em dia precisamos conhecer melhor o universo desses personagens.

III – ASSUMIR UMA POSIÇÃO

Vamos adotar a posição que para construir uma imagem de si não é preciso dizer deliberadamente os seus traços. Além de ver o próprio dizer sobre si, é preciso analisar como o enunciador diz.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma representação de si. (AMOSSY, 2005, p. 9)

Podemos ver isso em alguns exemplos do *corpus*. Aparece o autor falando diretamente deles buscando construir para o leitor uma imagem específica:

Agradeceu, outrossim, pelo conceito que havia formada sobre o imigrante italiano, assegurando-lhe que este, na sua maioria, era de boa índole, forte, trabalhador, educado a respeitar em qualquer lugar a autoridade constituída e capaz dos maiores sacrifícios. (LORENZONI, 1975, p. 159).

Mas também podemos ver a imagem do enunciador sendo construída mesmo que não haja a intenção do autor para isso:

Na segunda feira-feira de manhã, pelas nove horas e meia partiam um Pedro Crestani, um Amílcar Grazia, um Vicente Comin, um Ernesto Turcato, um Luís Pizzutti, aos quais se uniam o alfaiate João Ferrari, o carpinteiro Bortolo Superti, o ferreiro João Farina, Antonio e Leandro Bortolini e algum outro, e aonde se dirigiam? (LORENZONI, 1975, p. 162).

Aqui temos que, nesse capítulo do livro, ele está narrando um fato banal de que às segundas-feiras algumas pessoas (homens) tinham o hábito de ir aos botequins beber e tirar o dia de folga. Mas em meio a simples narração aparece a citação das profissões de alguns deles, construindo a imagem de que eles são trabalhadores, embora estejam em folga. A imagem de trabalhador aplicada aos imigrantes é comum. O narrador aqui assume essa perspectiva ao relatar-nos mais um acontecimento da rotina da comunidade. Mas como se trata de um dia de folga em que tiravam para beber e se divertir, parece que há a necessidade de trazer para o texto a imagem de trabalhador e isso é feito através da presença das profissões.

Portanto, vemos que não precisa que o autor se propõe a falar dele de modo a relacionar uma série de características próprias do ser descrito para que possamos identificar uma imagem no discurso desse ser. No caso, não é de si, mas uma imagem de sua comunidade com a qual ele se identifica e assume como sendo de todo o coletivo da sua colônia: ele acaba por se ver (constituir) também como trabalhador.

A imagem é construída a cada relação¹⁷, a qual exige uma imagem, pois cada relação tem um objetivo. Nesse sentido, cada pessoa constrói de si imagens as mais diferentes de acordo com o tipo de interação em que se está inserido. Dizer qual é a imagem de uma pessoa seria arrolar os traços identificados nela, seja porque estes foram atribuídos

¹⁷ “A conclusão do trabalho revela, por fim, que as relações entre nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros evidenciam o caráter contínuo e inacabado do processo de construção da identidade brasileira.” (Ennes, 2001: 164).

propositalmente, seja porque foram determinados a partir do funcionamento da linguagem. Entendemos imagem como o conjunto de traços psicológicos, físicos, morais, éticos, ideológicos etc (auto) atribuídos a uma pessoa (grupo).

Entendemos também que quando o sujeito fala, ele se constitui mobilizando as memórias do passado e do futuro. Ou seja, ele constrói uma imagem de si a partir das memórias, que compartilha com os *outros-da-interação*. Claro, no entanto, que não se constitui sozinho.

Nenhuma projeção de mim mesmo pode assegurar-me meu total acabamento, pois, sendo imanente apenas à minha consciência, essa projeção se tornará um fator dos valores e do sentido na evolução subsequente de minha consciência: minha palavra sobre mim mesmo não poderia em princípio ser a última, não poderia ser a palavra que me assegura o acabamento; (BAKHTIN, 2000, p. 157).

Há o outro que também constitui o sujeito. Conforme Bakhtin, na interação é que o sujeito se constitui. “Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse.” (ibid., p. 55). Quando se fala de si, já há o outro na sua fala: é o outro constituindo o sujeito. Dessa forma, devemos entender que olhar a imagem que o sujeito constrói de si mesmo, é olhar também essa imagem já construída pelo olhar de um outro: é a alteridade. A questão da alteridade é retomada e aprofundada na parte IV do capítulo 3.

IV – FAZENDO APOSTAS

Temos como hipótese que, embora tenha havido um esforço pela classe dominante de tornar a voz do imigrante como mais uma gota no grande “caldo lingüístico” que se crê único, homogêneo, é possível identificar um sujeito, uma autoria que vem do imigrante. Acrescentamos que deve haver um “infiltramento” do discurso do outro no do imigrante. Como diz Bakhtin (2004, p. 47):

“A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente”.

No caso dos imigrantes, havia uma necessidade de se apagar a sua voz na medida em que eles representavam o novo, o que instabilizava as relações sociais. E os

imigrantes não foram trazidos para cá para realizar esse papel, mas, ao contrário, para dar continuidade à estrutura vigente no sentido de que vieram para substituir a mão-de-obra escrava que era explorada, ou seja, os imigrantes foram introduzidos aqui para serem explorados; para dar continuidade ao sistema sócio-econômico. Sempre houve a preocupação na escolha dos imigrantes a ser inseridos na sociedade brasileira, mas a partir das primeiras experiências com a imigração, haverá, principalmente no período entre as grandes guerras e depois da segunda guerra mundial, um esforço em selecionar tipos específicos de imigrante que melhor se adequassem aos objetivos das elites econômicas. Desse modo, os italianos serão um dos grupos preferidos. Defendiam que eles eram cristãos, trabalhadores, tinham uma língua próxima a nossa, era bons para se interagir, integrar, de boa assimilação, uma cultura semelhante a nossa, eram brancos, não eram comunistas (e os que fossem não entrariam) etc. (FACCHINETTI, 2004, p. 77-85).

Portanto, se não foi ainda identificado um sujeito-imigrante, talvez seja porque o imigrante não tinha uma unidade social forte, principalmente logo em seguida a sua chegada, como diz Hardman (2002, p. 77). E de acordo com Bakhtin (2004), a língua é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. Esses estarão refletidos na língua. Não tendo organização como tal (imigrantes), essa característica ficará mais difícil de aparecer. Mas houve organização dos imigrantes, principalmente depois da “chegada” e das necessidades surgidas. Muitos iam para as mesmas colônias, bairros etc. Então, pode até ser que a falta de unidade social dos imigrantes seja uma causa da ausência de uma visão de si que enxergasse um “sujeito-imigrante” neles mesmos, ou seja, que eles se assumissem como sujeito tal, mas também deve ser a outros fatores, até mesmo um não reconhecimento pelo discurso oficializado¹⁸.

V – PONTOS A CHEGAR...

A questão central do trabalho será ver, aceitando que nos constituímos ao falar, ou seja, todo texto tem um autor, o qual é possível de ser identificado, como o sujeito se constitui (produz uma imagem de si) mobilizando as memórias do passado e do futuro.

¹⁸ Sobre o termo *oficializado*, ver nosso trabalho in Versão beta nº 36, 2005, em que explicitamos a preferência pelo uso de *oficializado* em vez de *oficial*, pois neste parece trazer a idéia de algo próprio, pertencente, como se fosse inato, simplesmente é *oficial*; e em *oficializado* pressupõe a idéia de que houve um agente: só é *oficializado* porque alguém o *oficializou*.

Buscaremos ver se é possível identificar nas falas uma auto-imagem do sujeito e analisá-las. Ver como ele é formado – se identificado – quais suas características, que idéias veicula, a que se opõe. Tentaremos observar, no seu discurso, como o imigrante busca se constituir. Deveremos ver como ocorre isso na materialidade enunciativa, quais os recursos discursivos ele trabalha para realizar seu projeto discursivo de auto se ver. Interessa-nos ver quais as memórias do passado e do futuro trazidas e construídas pelos imigrantes e quais as alterações que ocorreram nelas e a partir delas.

Interessa-nos ver, se possível, “em que medida o fato de serem imigrantes lhes deu traços específicos, em termos de organização, ações coletivas e ideologias prevalecentes.” (FAUSTO, 1991, p. 34) Isso porque ser imigrantes é vivenciar memórias diferentes de quem não o é. E ver como se organizaram é importante para ver como eles interagiram.

Os enunciados são produzidos dentro de um contexto sócio-histórico. A pessoa ao enunciar – produzir um texto – tem seu contexto imediato influenciando-a. Mas também tem um contexto mais amplo em sua prática enunciativa. Além desses, há ainda a presença da sua história de vida e de seus desejos e vontades.

“A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” (BAKHTIN, 1929, p. 113).

Seu próprio interior se apresenta na memória que Bakhtin a chamou de memória do passado, que é aquilo que os falantes compartilham entre si pelas vivências e é em parte responsável pelo que se diz e como se diz. E ainda acrescentamos uma visão que se expande para o futuro; são os desejos, as esperanças. Ao dizer, esperamos produzir uma imagem de nós mesmos de acordo com o tipo de mundo em que queremos estar. É a memória do futuro definida por Bakhtin (2000).

Tendo isso em mente, é que nos propomos a analisar os enunciados produzidos por imigrantes residentes no Brasil. Os imigrantes já aqui morando há algum tempo produzem seus discursos sob as condições de estar dentro de um contexto específico, imediato (próximo) e mediato (amplo). Estas são as condições sociais e históricas vividas pelo Brasil no mundo nas quais os imigrantes se inseriram; aquelas, os modos em que se organizaram cotidianamente. E precisam ser consideradas na análise. Como diz Bakhtin, não se pode separar o contexto no qual o discurso foi produzido do próprio discurso. Reforçando, a análise deve levar em conta que os sujeitos imigrantes ao produzirem seus textos jogam com memórias do passado e também com memórias do futuro. Considerando estes aspectos,

achamos relevante pensar em respostas, nos enunciados de imigrantes, para questões do tipo: Como é *esse imigrante* para ele mesmo?

Temos de ter cuidado para não mistificar a pergunta, pois se a pergunta é mística, a resposta provavelmente o será também, como diz Marx e Engels ao criticar a “crítica alemã”: “Não somente em suas respostas, mas também em suas próprias questões, já havia uma mistificação” (MARX e ENGELS, 1932, p. 41). E a mistificação aqui seria esperar encontrar algo (o sujeito) fora da materialidade sócio-histórica. O sujeito é social, pois se constitui nas interações; e é histórico, pois há permanência do vivido pelas memórias e constitui a si e ao outro pelos projetos de viver.

Devemos considerar que a pessoa se constitui pelo seu olhar e pelo olhar do outro. Ou seja, não conseguimos nos ver por inteiro, totalmente. Precisamos do outro para nos completar. É a exotopia (BAKHTIN, 2000) do observador que, possibilitando-lhe ver alguém de fora, dá-lhe um excedente de visão, ou seja, permite ver em nós algo a mais que nós mesmos não veríamos. É a alteridade nos constituindo: o outro em nós no nosso olhar sobre nós mesmos, Bakhtin (2000).

Os imigrantes são constituídos por si e pelos outros. Identificamos que há muitos dizeres sobre os imigrantes: sobre sua cultura, seus modos, sua língua etc. Mas sentimos falta de uma análise que olhe para como o imigrante se vê. Temos a constituição do sujeito apenas pelo olhar do outro – que é muito importante – mas falta o seu próprio olhar. Encontramos quem diz, através de análises: o imigrante é assim. Porém não vemos uma análise do dizer que afirma: eu, imigrante, sou assim.

Problematizando nosso tema, então, ao propor respostas para a questão “Quem sou eu imigrante?”, estamos tentando entender mais desses personagens da nossa história, de seu trabalho com a linguagem para constituir uma imagem de si mesmo. Para entender sua constituição, enquanto sujeitos fazedores de história, compreender quem são eles, precisamos analisar a sua visão de si. Evidentemente que sua visão de si não diz tudo sobre ele mesmo, precisa sempre do outro para lhe completar. Por isso ao analisar seus dizeres sobre si mesmo buscando ver “quem são eles na visão deles” não podemos tirar do nosso horizonte “quem são eles na visão do outro”. Portanto, embora nossa análise cairá sobre os enunciados produzidos por imigrantes falando sobre si, não poderemos esquecer de que há outros dizeres sobre eles que há uma responsividade (Bakhtin) recíproca entre eles.

Enfim, podemos dizer que no estudo a ser realizado aqui, estamos tentando considerar como os sujeitos se constituem, ou seja, refletir sobre a questão da *identidade*, como o sujeito participa da constituição de sua própria *identidade*. A nossa preocupação é ver

um modo de pensar a identidade sem imaginar que ela seja determinada por algo de fora do indivíduo nem pensar que um sujeito se identifica por si mesmo. Ou seja, estamos querendo fugir, ao mesmo tempo, de uma visão de indivíduo totalmente submetido e outra de um indivíduo dono de si, que controla toda sua existência.

VI – UM MODO DE OLHAR PARA O MUNDO

“Não é possível pensar a linguagem sem pensar o mundo social concreto em que nos constituímos. Não é possível pensar a linguagem sem pensar o poder, a ideologia.”
(FREIRE, 1991, p. 46).

Estabelecer um modo de olhar o mundo é fundamental para bem compreendê-lo. Esse modo de ver o mundo tem de estar concatenado com a posição que se assume em relação a ele. Neste trabalho, em que assumimos uma posição de que atos de linguagem só podem ser explicados em relação às bases materiais sobre as quais eles foram produzidos, o nosso modo de olhar o mundo se esforçará para estabelecer uma análise que considere a base material em que os signos ideológicos, com os quais se estabelece a linguagem, são produzidos. Tampouco poderíamos separar esses mesmos signos das formas concretas nas quais se realiza a comunicação nem essa do mundo material em que se concretiza.

Com isso queremos dizer que, basicamente, os dados levantados serão analisados à luz dos princípios metodológicos que vêm se formando a partir de Bakhtin (2004) e sistematizados, entre outros lugares, em Miotello (2002). Isso significa “não separar a ideologia da realidade material do signo”, “não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social”, “não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material” (BAKHTIN, 2004, p. 44). Primeiramente, isso significa que precisamos estudar os signos (a linguagem) e as ideologia juntos, pois um não existe sem o outro: “tudo que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia.*” (BAKHTIN, 1929, p. 31). Em segundo lugar, entendemos que produzimos textos completos, significativos e não frases soltas e de acordo com o tipo de interação desenvolvidas esses textos ganham formas relativamente estáveis: gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000); devemos considerar que os signos produzem sentidos dentro destas formas específicas de comunicação. E por fim, não podemos ignorar a estrutura

social que forma a base material para se estabelecer as interações nas quais se produzem os signos. Assim podemos fazer o “exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.” (BAKHTIN, 1929, p. 124), se quisermos.

Abrindo um parêntese e considerando que na introdução expomos em linhas gerais nosso modo de ler o mundo atual, no capítulo 1, primeira parte, um pouco da história da imigração para o Brasil, no capítulo 2, então, fecharemos um pouco nossa câmera a fim de olhar para o mundo do estudo lingüístico, para entender um pouco de algumas idéias e conceitos centrais ao nosso trabalho, além de tecer considerações sobre o sujeito; e também apresentaremos nossa visão de ideologia e signo ideológico. Considerado assim, temos a reflexão sobre a *base material* na qual foram produzidos os signos (ideológicos) a ser analisados; buscamos, então, relacionar a análise desses signos com a ideologia e as formas de comunicação (“textos de memórias” – ver à frente esse termo tirado de Payer – que trazem uma visão não de si, mas do coletivo). Assim, teremos condições, acreditamos, para realizar o “exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual”, conforme propõe Bakhtin (1929, p. 124).

Para quem se situa numa área ligada à produção de conhecimento dito exato, o método deve descrever passo a passo todas as etapas de realização da pesquisa. Só aceitam que haja método, se provar que ele foi usado de forma exata. No nosso caso, entendemos que o método deva permitir o espaço de ação do sujeito pesquisador, pois a pesquisa é uma ação político-ideológica e seu resultado tem sempre a presença de quem a realiza. A metodologia deve abrir caminhos para o pesquisador seguir e não impor apenas um.

Isso se faz necessário face ao dominador discurso tecnicista que encontramos hoje em dia; um discurso que se diz neutro, sem opções político-ideológicas¹⁹ etc. Esse é o discurso daqueles que dizem ser preciso fazer análises racionais, sem ideologias. Como se fosse possível dizer algo sobre qualquer coisa sem a ideologia de quem disse impregnada no dito. É impossível estudar, analisar algo fora do contexto social, estudar algo por si mesmo, sem colocar o ponto de vista do observador. E simplesmente porque nada existe por si mesmo. “A palavra, a frase, o discurso articulado não se dão no ar. São históricos e sociais.” (FREIRE, 1991, p. 63).

¹⁹ “Nessa função, não me oriento por valores político-partidários, mas apenas pelo raciocínio econômico.” Luiz Carlos Mendonça de Barros, Folha de São Paulo, 22/06/2007.

CAPÍTULO 2

I - AS IDÉIAS E A LINGUAGEM

Os estudos relacionados à linguagem ganharam novo alento no início do século XX com Saussure. Até então era comum (dominante) os estudiosos buscarem ver na linguagem sua evoluções, buscando encontrar uma língua primeira. Tentando superar essa visão subjetivista, demais para ele, Saussure vai apegar-se a uma abordagem que via a linguagem de um ponto de vista mais formal. Pretendia construir uma ciência da linguagem nos moldes positivistas, então dominante nos fins do século XIX e começo do XX.

Saussure vê a língua como um “fato social” (1913, p. 14) conceito tirado de Durkheim²⁰ (1895) que buscava criar uma *sociologia científica*. Em *As Regras do Método Sociológico*, esse pensador afirma que os fenômenos sociais deveriam ser estudados como “fatos sociais”, isto é, como um dado, um objeto de observação, assim como qualquer objeto físico estudado pelas ciências naturais. Durkheim quer afastar dos estudos da sociedade o que ele qualifica de *ideológico*, ou seja, as subjetividades, as *pré-noções*, que ele chama de *pré-conceitos*. Na verdade, o que ele pretende é afastar o sujeito da análise. Sabemos que Durkheim está inserido num contexto positivista e segue essa linha de pensamento. Saussure por sua vez, também pretende construir uma ciência da linguagem objetiva, sistêmica. Por isso afirma que a língua (o verdadeiro objeto da “lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua” – p. 28) é um “fato social”, isto é, um fenômeno social que deve ser visto como um objeto, um dado. E deve ser analisada como qualquer *fato social*, ou seja, de forma objetiva e sem os conceitos *ideológicos*. Mas essa idéia já é uma ideologia. Entendemos não ser possível afastar o sujeito, ele sempre participa, faz suas análises a partir de um lugar. Saussure chega a dizer “que é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15), mas sabemos que esse objeto é algo fora do sujeito, o qual, para Saussure, deve analisá-lo a distância.

²⁰ “Sua [de Saussure] dicotomia parece ter sido uma tentativa de reconciliação entre as duas posições sociológicas vigentes [de Durkheim e Tarde]. Da idéia de ‘fait social’ (fato social) de Durkheim procede a postulação da *langue*...” (CARVALHO, 1980, p. 31-32)

O autor do *Curso de Lingüística Geral* teve (e ainda tem) o grande mérito de pela primeira vez propor um modo de se olhar a língua(gem) sistematicamente. Depois as idéias dele se tornaram sistemáticas demais, evidentemente que ele não tem culpa. Criou-se o que passou a ser comumente conhecido como estruturalismo. A partir de daí deu-se um grande número de estudo influenciado pelas idéias saussurianas. Praticamente todo o século XX será marcado por elas.

Essa concepção relaciona-se perfeitamente com as condições da ideologia burguesa que sempre necessita de novas idéias para se manter no poder: “A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais.” (MARX e ENGELS, 1848, p. 4). Dentro do contexto social do capitalismo da época (início de século XX) com a crescente divulgação de idéias socialistas, comunistas, anarquistas chamando os indivíduos para a ação revolucionária, uma concepção de linguagem que privilegia as formas, a estrutura, em detrimento da ação dos sujeitos, encontra terreno para se alastrar. Independentemente de o autor, Saussure, ter tido ou não essa perspectiva.

Assim, um pensador como Bakhtin, que surge logo após, propondo uma reflexão por um viés sócio-histórico, de valorização do sujeito, ao afirmar que é nas interações sociais que a linguagem e os demais fenômenos sociais se concretizam, não terá espaço e teremos de esperar o correr de quase todo o século XX para que suas idéias comecem a penetrar na academia e fazer eco nas análises da linguagem.

Em relação ao signo lingüístico de Saussure, Bakhtin propôs o *signo ideológico*. Conceito esse chave para entendermos os fenômenos lingüísticos numa perspectiva interacionista (na próxima parte voltaremos a esse conceito). Por isso, para alcançar nossos objetivos, apoiar-nos-emos nos conceitos de Bakhtin (1929; 2000). Bakhtin (1929) expõe a base de sua teoria. Nesse texto, ele faz um estudo das ideologias relacionando-as com a linguagem; além disso, ele busca estabelecer uma nova concepção de linguagem, ao discordar dos modos dominantes de se estudar as línguas naquele momento: o “objetivismo abstrato” e o “subjetivismo idealista” (ver o item seguinte desse capítulo). Nesse estudo, ele nos diz que o signo lingüístico é também ideológico. Tudo isso é considerado dentro da “interação verbal” a qual é responsável pela constituição da língua e dos sujeitos envolvidos. Esses conceitos são fundamentais para nosso trabalho.

Bakhtin (2000) é outra obra que será central em nosso trabalho. Nesse trabalho, ele se propõe a estudar, entre outras questões, o “autor e o herói” como encontrados na literatura. Mas para realizar seu intento, ele cria uma série de conceitos que ultrapassam o

uso em literatura: na verdade ele estuda é a linguagem. Bakhtin também apresenta seu conceito de “gêneros”, a saber, como sendo um enunciado que possui certa estabilidade e é constituído de um “tema”, um “estilo” e uma “estrutura composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279-287). Aparecem conceitos-chave para nós como “memórias do passado e memória do futuro” (voltaremos a esses conceitos na próxima parte), “alteridade”, de “excedente de visão”. Comentaremos estes dois últimos.

Excedente de visão, Bakhtin explica como sendo a possibilidade que alguém tem de ver mais de um indivíduo do que o próprio vê, devido à posição exterior (exotópica) do outro para a constituição como um todo do indivíduo. O outro tem “uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele.” (GERALDI, 2003a, p. 44).

O excedente de minha, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. (BAKHTIN, 2000, p. 44).

Mas para que isso ocorra é necessário que eu me transporte para o mundo do outro e veja o mundo com ele o vê.

Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento. (ibid., p. 45).

Ou seja, preciso situar-me na posição do outro; contemplar o que ele vê; depois retornar a minha posição e unir o que a visão dele me mostrou com o que meu excedente de visão permite só eu ver sobre ele para, então, completá-lo.

O excedente de visão só é possível porque há essa possibilidade de se situar fora do outro. É o olhar de fora: “exotopia – no espaço, no tempo, nos valores” (Ibid., p. 34). O sujeito olha o outro de um lugar, de um tempo e com valores diferentes. Bakhtin explora profundamente a relação entre o “eu” e o “outro” e a importância de um para o outro em suas respectivas constituições. Na seção seguinte, discutiremos a questão da constituição do sujeito na interação com o outro.

A importância do outro na constituição do sujeito ocorre pelo fato de o processo de constituir-se realizar-se pela *alteridade*, e não como uma identificação de iguais. “Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um

conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético.” (ibid., p. 46). Ou seja, a construção do sujeito, que para nós significa também construção de identidades²¹, não se realiza como identificação do indivíduo com algo ou pessoa, mas em uma relação de alteridade, isto é, constituímos-nos pela relação dialógica com o outro, na qual assumimos uma visão sobre nós mesmos como nossa, mas que teve origem no modo do outro nos olhar. E acreditamos que é assim mesmo que nos vemos, que fomos nós que criamos essa visão sobre nós. Adotamos o olhar do outro porque nos vemos incompletos; aliás, vemos o mundo todo incompleto, e “é em nós mesmos que somos menos aptos para perceber o todo da nossa pessoa.” (ibid., p. 26).

Como exemplo, dessa relação, que não é retirado do nosso *corpus*, lembremos-nos de um episódio presente no livro *Um copo de Cólera*, de Raduan Nassar. À certa altura o casal de personagem começa uma discussão e a mulher diz ao amante diante do comportamento dele: “Não é pra tanto, mocinho que usa a razão” (p. 33). Ele que nada tinha sido de racional até então, mas muito impulsivo, começa a pensar em uma série de respostas para lhe dar, ou seja, começa a ser racional a partir dessa visão dela para com ele. Ele pensa em várias contra-palavras e ruminava mentalmente que “...muitas outras coisas eu poderia contrapor ainda à sua glosa (...) minha razão naquele momento trabalhava a todo vapor...” (p. 34-35). Observemos que ele assume uma postura que surge de um olhar que ela projeta sobre ele, ela o constitui nesse aspecto. A diferença, nesse texto, é quando ela o chama de fascista e ele assume *conscientemente* essa característica que ela lhe atribui e se vê como tal. Ela diz: “o mocinho é grandioso em tudo... fascistão!” (p. 66) E ele responde: “confesso que em certos momentos viro um fascista, viro e sei que virei (...), se por um lado redime, a confissão por outro também pode liberar: mais do que nunca posso agir como fascista...” (p. 67). Porém independentemente de perceber ou não, nós assumimos uma imagem que o outro nos projeta e acabamos por admiti-la como uma auto-imagem.

Nesse sentido, comentando o cristianismo, Bakhtin nos diz que “O homem só tem seu arrependimento, o perdão só lhe pode vir do outro.” (BAKHTIN, 2000, p. 75) O outro é que lhe pode impingir essa qualidade de *perdoado*, que pode dizer-lhe se está ou não purificado. E a partir do momento em que o outro diz que ele *é perdoado*, o sujeito se assume como tal e acredita que é realmente puro de pecado.

Mas a alteridade não nos tira a individualidade, não nos domina, não destrói o sujeito. Diz Bakhtin (2000, p. 36):

²¹ “...nossas identidades não se revelam pela repetição do mesmo, do idêntico, mas resultam de uma dádiva da criação do outro que, dando-nos um acabamento por certo sempre provisório, permite-nos olharmos a nós mesmos com seus olhos. Como muitos são os outros em cujos olhos habitamos para dar-nos um acabamento, nossas identidades são múltiplas, estabilidades instáveis a que sempre regressamos...” (GERALDI, 2003a, p. 47)

Mas o que conhecemos e presumimos de nós mesmos através da visão do outro se torna totalmente imanente à nossa consciência, parece ser traduzido para a linguagem da nossa consciência, sem nela alcançar consistência e autonomia, sem romper a unidade de nossa vida orientada para frente de si mesma, para o acontecimento por-*vir* e que não fica em repouso e jamais coincide com a sua própria atualidade dada, presente...

A necessidade do outro deve-se também ao fato de que é na interação que se produz o mundo. Este é constituído pelas interações dos sujeitos. Sem interação não haveria sujeito, pois não haveria para quem dizer *tu* estabelecendo um *eu*, que só se constitui totalmente quando aquele *tu* o complementa de sua posição exotópica. Quando alguém atribui a outro seu excedente de visão, permite-lhe completar-se como sujeito naquilo que sua individualidade não conseguiria sozinha. E para isso o sujeito tem de se pôr no lugar do outro para se ver a si mesmo:

Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. A bem dizer, na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem – para a pura autoconsciência, de maneira imediata, tal valor não existe (para uma autoconsciência real e pura); levamos em conta o fundo ao qual damos as costas, o que não vemos nem conhecemos de maneira imediata, cujo valor não existe para nós e não é visível, significante, cognoscível senão para os outros; (BAKHTIN, 2000, p. 35-36).

E desta forma o sujeito na interação, que sempre é dialógica, assume ou lhe é impingido o que o outro tem a mais. Isso é o que chamamos com Bakhtin de *alteridade*: aquilo que o sujeito assume como parte de sua *personalidade*, mas que originou do outro, numa interação, dialogicamente. Ou seja:

“...o que conhecemos e presumimos de nós mesmos através da visão do outro se torna totalmente imanente à nossa consciência, parece ser traduzido para a linguagem da nossa consciência.” (BAKHTIN, 2000, p. 36).

Mas não podemos, é claro, cometer o equívoco do “positivismo [que] reduziu definitivamente a um mesmo denominador comum o eu e o outro.” (BAKHTIN, 2000, p. 76).

“A produtividade do acontecimento não consiste na fusão de todos em um, mas na exploração da exotopia que permite à pessoa situar-se num lugar que é a única a poder ocupar fora dos outros.” (BAKHTIN, 2000, p. 103).

A necessidade da interação leva os imigrantes a se aproximarem. Mas nos casos aqui observados, não se fecham no seu grupo. Pois, dialeticamente, na sua constituição, no seu olhar sobre si (e sobre seu grupo), como imigrantes precisam de seu contraditório, ou seja, precisam de sua negação: é na presença, na relação com o não-ele, o não-imigrante, isto é, o brasileiro, que eles podem ser imigrantes. É no momento em que ambas as categorias estão presentes disputando os mesmos espaços que cada um tem existência. Na interação entre elas que temos a afirmação desses sujeitos como imigrantes. No momento em que eles trazem para seu texto a categoria *brasileiro* é que se afirmam como sujeitos, como imigrantes. Para, então, numa *síntese dialógica*, constituir sua identidade: um brasileiro, mas por conquistar é que têm essa identidade, por trabalho, perseverança, dedicação etc. e não apenas por uma origem ou por morar em um lugar:

“Nós também somos brasileiros! Conquistamos a cidadania de brasileiros, por vontade própria, sem sermos a tal obrigados.” (CUPELLO, 1973, p. 10-11).

O que chamamos de *síntese dialógica* significa exatamente isso: manter-se como sujeito nas interações com identidades mistas, mas não sem ser própria dele, peculiar a ele. Considerar-se brasileiro nessa situação não é ser um brasileiro nato, nem ser naturalizado, assimilado, adaptado, por uma vivência fatídica que apagaria o que era e produzia algo inteiramente novo. Considerar-se brasileiro aqui é se ver transmudado, mas que ainda se vê como um outro-eu, como sujeito, diferente:

“Mas eu não queria virar operário. Eu gostava de ver o sapato nascer inteiro nas minhas mãos, tomar forma, pouco a pouco, inteirinho, nas minhas mãos. Na fábrica eu perderia isso para sempre, e não queria perder.” (LAGANÁ, 2005, p. 47).

Eis o desejo de se manter algo anterior: o ofício de sapateiro. O mesmo ofício que permitiu a ele emigrar, pois era exigido já nessa época um ofício/profissão. Essa fala é de uma dos *personagens* que conversa com Laganá que ela traz para o seu relato, eles pertencem já aos que vieram posteriormente a segunda grande guerra. Poderíamos lembrar Marx e Engels ao dizerem que é pela produção que os homens se constituem, e quando esta não mais lhes pertence, perdem sua identidade.

Desse modo, na relação com o outro, o sujeito adota a visão daquele sobre si como sua (alteridade), e o outro por estar numa posição privilegiada, dado a sua exotopia, vê

mais do que o próprio sujeito, seu excedente de visão. Nesse sentido, o sujeito se constitui nessa relação de alteridade.

Para compreender melhor esses conceitos, de fundamental importância para nosso trabalho, veremos como se deu a leitura das obras de Bakhtin, como historicamente ele vem sendo interpretado. Para isso recorreremos a algumas obras e autores. Dessas citamos Geraldi (2003a, 2003b, 2003c). Na primeira, o autor explica didaticamente alguns conceitos centrais da obra de Bakhtin, fazendo relação com o mundo atual e estabelece a diferença entre “desigualdade” e “diferença”. No segundo texto, Geraldi faz uma retrospectiva do olhar do homem para o mundo e mostra como, embora tenha havido uma grande mudança no modo de se ver o mundo, alguns parecem recusar-se a ter uma outra visão. Retomando conceitos de Bakhtin, ele chama-nos para uma nova postura, para novos questionamentos, para abandonarmos uma posição totalmente estabilizada. Em Geraldi (2003c), encontramos uma recuperação de alguns conceitos, não só bakhtinianos, mas de outros teóricos também. Depois de elucidar alguns conceitos-chave da lingüística, ele analisa a situação do ensino no país e apresenta possibilidades de se mudar a postura do trabalho docente.

Outros estudiosos têm estudado Bakhtin. Por exemplo, temos o trabalho de Zandwais (2005). Nesse trabalho, a autora organiza uma série de artigos sobre a obra de Bakhtin. Nestes, os respectivos autores discutem conceitos basilares da obra bakhtiniana e aplicam esses conceitos em análises, além de confrontar (ver eficiência e limites de) esses conceitos com os de outros autores, principalmente, os de Michel Pêcheux. Algo parecido temos em Brait (2005; 2006) em que a autora organiza um série de artigos que discutem aqueles que seriam alguns dos “conceitos-chave” da obra de Bakhtin.

Importante também ver como que a constituição dos sujeitos tem sido vista pelos teóricos de áreas afins. Por exemplo, Marx e Engels (1932) vão dizer que o homem, ao produzir seu próprio sustento, já se diferencia dos outros seres. Essa primeira produção é para atender a necessidades de sobrevivência inicial. Em seguida, há a criação de novas necessidades (necessidade de necessidade): nesse processo, se dá o primeiro ato histórico. E ao “criar” a história o homem se insere nela, não como um ser qualquer, mas como sujeito e, então, como sujeito, há sempre a busca por uma identidade, pois as necessidades criadas só atendem a ele especificamente (em alguns pontos). Essa identificação se dá na produção de idéias, na de representação e na de consciência. A consciência de classe é uma identificação. O sujeito constrói sua identidade com o outro, ao pertencer a um grupo; ter uma identidade é encontrar semelhanças e não ser algo diferente de todo o resto. Então, o homem tem também consciência, não pura, pois é “contaminada” pela linguagem que surge devido a necessidade

de convivência com outros, de quem precisamos para nos completar: precisamos do outro para sermos completos, inteiros, para ter uma identidade, sermos nós. E isso fazemos através da/na linguagem. Falar é ter consciência de si próprio.

Mas, quando o que se produz não mais pertence ao trabalhador que o produziu, ele perde em parte sua constituição. Para Marx e Engels, isso é próprio do sistema capitalista, no qual um grupo detem a posse dos meios de produção e a grande maioria vende sua força de trabalho, sendo que o que se produz não pertence eles.

Entendemos que o sujeito tem um papel importante para sua identificação, que ele age para que isso ocorra; ou seja, há, para a identificação, um ato do sujeito, um ato de identificação. Por outro lado, o sujeito está inserido dentro de relações sociais que o expõem a processos de identificação. Esses processos para nós são as condições em que vive o sujeito, é onde o sujeito pode assumir a palavra.

Marx e Engels entendem que o homem deixa de ser um simples animal no momento em que ele sente necessidade de produzir sua subsistência. Nesse momento, ele deixa de simplesmente absorver o que lhe é dado pelas condições naturais e passa a produzir sua existência, ou seja, ele não vive mais como um animal qualquer; pelo contrário, ele se identifica enquanto indivíduo pertencente a um grupo. Portanto, entendemos em Marx e Engels que é pelo ato de produzir que indivíduo se identifica. E isso é feito em um processo de produção em comum. Os indivíduos “foram despojados de todo conteúdo real da sua vida, tornando-se indivíduos abstratos” (1932, p. 103) e prossegue:

O trabalho, única conexão que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas e com sua própria existência, perdeu para eles toda a aparência de atividade de si mesmos e só conserva sua vida atrofiando-a. Ao passo que, nas épocas precedentes, a atividade como manifestação de si e a produção da vida material estavam separadas simplesmente pelo fato de recaírem sobre pessoas diferentes e de que a produção da vida material, em razão da limitação dos próprios indivíduos, era considerada ainda como um modo menor da atividade enquanto manifestação de si, na época atual, esses dois aspectos – atividade de si e produção de vida material – encontram-se de tal forma separados, que a vida material aparece como um fim, e aquele que é o criador dessa vida material, o trabalho (hoje a única forma possível, porém negativa, como veremos, da atividade de si) aparece como meio. (1932, p. 103).

Boaventura de Souza Santos (1996) defende que é cultura que identifica os indivíduos. Assim seria pelo ato de manifestar/produzir sua cultura que o sujeito se identifica. Ele aborda a questão da antropofagia, o fronteirismo, como ação típica de identificação para o povo português que é o que ele estuda. Assim cada povo tem seu modo de se identificar.

Foucault (1969, 1971, 1979) está interessado, entre outras coisas, em analisar como se dão as formas de se exercerem o(s) poder(es) dentro das sociedades ao longo do tempo. Ele nos chama a atenção para o fato de que as sociedades foram criando mecanismo de controle sobre os indivíduos, mas que nunca os controlaram totalmente. Analisando algumas instituições, ele nos mostra as relações que se estabeleciam entre os indivíduos e a sociedade. O que nos parece, é que ele dá uma ênfase em suas análises para mostrar como agiram as instituições sobre os indivíduos, não se preocupando em ver como os indivíduos agiam, embora constantemente nos avisa que sempre há resistência quando se usa um poder. Então, não fica claro como os indivíduos agiriam para se identificarem. O que poderíamos pensar é que o processo no qual o sujeito está inserido e que o identifica seria o que Foucault chama de “jogos de poder” e “técnicas de si”. Mas na verdade para Foucault o sujeito apenas ocupa uma posição, parece não agir e sim representar um papel. O que não podemos aceitar.

Se olharmos para Saussure, agora voltando aos estudos da linguagem, veremos que um indivíduo precisa falar para se identificar com algo, pois o uso da língua se dá para a comunicação do que o indivíduo pensa. Usar a língua implica em usar uma língua específica, por isso esse uso, esse ato de identificação, leva o indivíduo a pertencer a uma comunidade lingüística. É o pertencimento a uma comunidade lingüística que permite ao sujeito se constituir, ou seja, esse pertencimento é um processo de identificação.

Poderíamos fazer o seguinte quadro para ficar mais didático o que estamos falando:

Pensador	Ato de se identificar	Processo de identificação
Marx	Pelo que produz	Produção em comum
Saussure	Uso de língua	Pertencer a uma comunidade lingüística
Boaventura	Pela cultura	Antropofagia, fronteirismo
Foucault	Resistência (?)	“Jogos de poder”, “técnicas de si”

Como se vê, ficamos em dúvida em relação ao que chamar de ato de identificação realizado pelo indivíduo em Foucault. Colocamos a resistência imaginando que esta seja um modo do indivíduo negar o rótulo que querem impingir nele: por exemplo, de louco. Evidentemente, não nos filiamos a Foucault.

A partir dessas interpretações sobre as idéias de alguns pensadores, podemos refletir mais sobre como os indivíduos buscam sua identificação e em que contexto ela se dá.

Isso para nós é importante por estarmos vindo pensando sobre como o sujeito busca agir para se identificar com uma cultura, com um grupo, etc.

Seja pela produção, pela língua, pela cultura, pelo poder, o que observamos é que sempre há alguma forma de identidade, ainda que ela esteja abalada – nunca destruída. Talvez o mais produtivo para uma análise fosse usar essas diferentes formas de pensar a identificação. E mais do que isso: tentar uma superação desses pontos de vista, entendendo superar como ir além de... o que implica necessariamente passar por... Ou seja, se queremos superar algo temos de saber o que o outro já fez e avançar a partir dali, do contrário corremos o risco de querer “reinventar a roda”. Assim, não era, e não é, objetivo querer aplicar os “modos e processos de identificação” que observamos acima para uma análise, mas a partir do que colocamos podermos pensar como que se dá na nossa sociedade a criação de identidades específicas.

Nosso trabalho centrar-se-á, como já dissemos, nos pressupostos teóricos originados a partir da obra de Mikhail Bakhtin (1929, 2000) e que tem recebido atenção de muitos estudiosos, dos quais também nos serviremos para suporte teórico como, por exemplo, os já citados, Geraldi (2003a, 2003b, 2003c), Zandwais (2005), Brait (2005, 2006) etc. Conceitos definidos em Bakhtin (1929, 2000) como “Memória do Passado” e “Memória do Futuro”, “Alteridade”, “Signo Ideológico”, “Interação” etc. são de fundamental importância.

Estamos tentando explorar o conceito de “dialogia” em nossas análises, entendendo-a como, antes de tudo, uma concepção de mundo, na qual existe uma relação entre os sujeitos (produtores do mundo) envolvidos pela qual eles se constituem mutuamente no sentido em que a dialogia estabelece uma presença do discurso de um no outro, pela interação verbal. Para vermos como se constitui o sujeito imigrante na nova realidade, na relação com outro, adotamos a dialogia como a responsável pela constituição desse sujeito (na medida em que este se constitui na interação com o outro, brasileiro, contraditoriamente), como ele olha para o outro e como ele reflete e refrata o discurso do outro e nesse processo vai se constituindo. Essa postura dialógica levaremos para considerar os outros conceitos e fazer as análises.

Os enunciados, em nossa compreensão teórica, são constituídos por “signos ideológicos”, ou seja, a materialidade textual é de signos que estão impregnados de ideologia; desse modo, os enunciados ganham um valor específico dentro de um discurso, no caso o do imigrante, pois carregam a ideologia do autor e identificam-no. Vemos isso em Laganá quando, no último capítulo, ela nos traz um episódio ocorrido no início da década de 1970. Ela relata que, na esteira do crescimento econômico daquele período, ela e sua família, como

muitos que moravam em São Paulo, decidiram comprar um terreno na zona rural para passar os fins de semana. E diz que “*Fascinados* por esse sonho, meu marido e eu começamos a procurar nosso pequeno pedaço de *paraíso* e o buscávamos, evidentemente, nos lugares para onde *nos empurrava a propaganda*.” (p. 192, grifo nosso). Identificamos nessa passagem que a propaganda é vista como vendedora de sonhos. Mas não só venda de sonhos de consumo, que visa apenas a tirar dinheiro do comprador vendendo ilusões que não matam. Não se trata apenas de uma crítica a essa concepção de propaganda. Por estar dentro de um discurso de imigrante, essa afirmação ganha outros contornos. Os imigrantes, como foi o caso de Laganá, desembarcaram no Brasil, em boa parte, por ação de propaganda. Ela informa, por exemplo, que seu pai lia um livro do consulado Brasileiro “*intitulado Lo Stato di San Paolo*” (p. 15) no qual aparecia uma descrição de São Paulo como um paraíso. E ela que tinha um *namoradinho* não pretendia vir para o Brasil, mas foi obrigada. Por isso, a propaganda para ela, e muitos imigrantes, presente em sua memória, está relacionada com a dor, com o abandono do lugar de origem, de pessoas amadas, da *terra amada*. Esse dizer na fala dela, portanto, ganha um ar trágico, triste. Ela nos mostra que de alguma forma estava comprando dor. Que esse sonho que vendia era composta de fantasia, de embriaguês - “meu marido preocupado em não conseguir fechar o negócio; eu, fantasiando” (p. 193); deixavam-nos *fascinados*, embriagados – “estávamos completamente inebriados” (p. 193). Depois de passada a euforia, ela nos conta de sua separação, o sítio foi abandonado, e não foi o paraíso esperado, nem ele conseguiu evitar essa perda (casamento). Em um discurso de não-imigrante, essa fala poderia representar apenas uma crítica ao modo de se fazer propaganda que induz a pessoa ao consumo. Em Laganá se relaciona com outros sentidos, pois traz um outro modo de se compreender o mundo.

Outra característica do pensamento bakhtiniano é a visão da linguagem como polifônica (BAKHTIN, 1929). Os enunciados são constituídos de signos ideológicos. Essa natureza dos enunciados faz com que eles reflitam e refratem o discurso do outro.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios da avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc). (BAKHTIN, 1929, p. 32).

Destarte, um enunciado produzido no interior de uma dada organização social por um sujeito específico terá em sua constituição o discurso alheio, na medida em que este é

refratado por aquele enunciado. Este está funcionando como resposta a um outro discurso para concordar, discordar, questionar etc.

Para Bakhtin, a fala está ligada às condições de comunicação e essas ligadas às estruturas sociais. As diferenças de classe correspondem, então, às diferenças de registros: o signo não é só lingüístico, mas também ideológico, pois seu valor, seu sentido vai ser estabelecido a partir da interação social. (GUIMARÃES, 2005, p. 148).

Acontece, então, dos enunciados serem sempre polifônicos, multi-pluri-significativos, pois em seu interior já há muitos outros quando alguém os pronuncia.

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta de aspirações e avaliações de outros, ou despovoada de vozes do outro – a palavra ele a recebe da voz de outro e repleta da voz do outro. (CAZARIN, 2005, p. 137)

Ao vivermos em uma mesma organização social, essa interação faz com que todos os sujeitos se interajam e se penetrem formando um grande complexo. Esse processo, responsável pelo caráter polifônico dos enunciados, parece também ser responsável pelo efeito da monolitização, ou seja, fazer com que se crie aparência de ser tudo igual, de um repetir o outro.

O trabalho lingüístico [a língua em uso], ininterrupto, está sempre a produzir “uma sistematização aberta”, consequência do equilíbrio entre duas exigências opostas: uma tendência à diferenciação, observável a cada uso da expressão, e uma tendência à repetição, pelo retorno das mesmas expressões com os mesmos significados presentes em situações anteriores. (GERALDI, 2003c, p. 12)

Isso porque à medida que um penetra o outro, muitas características transpassarão a maioria. Então, estamos a um passo de se criar um efeito (ideológico) de unicidade, porém, em hipótese alguma há a unicidade. É esse conceito de “sistematização aberta”, do qual nos fala Geraldi, que explica essa aparência. A língua possui uma sistematização, mas essa não está acabada, pelo contrário, ela é formada no dia-a-dia a partir da interação entre os indivíduos.

Com todas essas questões, adotamos em relação à linguagem o conceito de interação verbal (BAKHTIN, 1929; 2000). A língua é um produto da interação de indivíduos em um grupo socialmente organizado.

Precisamos deixar claro aqui qual o papel do “sujeito” no discurso. Para isso acompanhamos Geraldi (2003c, p. 135-136):

Na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. (...) mas também não se acredita no sujeito como fonte *ex nihilo* de seus discursos e seus sentidos.

O sujeito nem é o autor único e sozinho de seu discurso, pois há uma historicidade e fala de uma dada formação social, nem é encarado como algo descartável, um elemento repetidor, sem criar um efeito de sentido no discurso produzido.

Olhar o mundo como um todo, sem desprezar as partes, mas entendendo que o todo é mais *que a soma das partes*. Eis o desafio; e parece-nos que dentro do contexto *pós-moderno* de hoje não se consegue olhar para o todo. Para isso entendemos que devemos colocar-nos além de sujeito em interação, como sujeito de observação. O perigo é que nos parece haver uma fragmentação: cada um lutando em seu espaço, sem compreender que pode haver relações entre as lutas. Além de lutar, devemos perceber que há outras lutas em outros lugares, que de alguma forma tem a ver conosco. E que há uns que se colocam como meros observadores nos olhando digladiar, defendendo que sua função é explicar o mundo, técnica, como se suas explicações não constituíssem o mundo.

Existe uma fragmentação do mundo no nosso sistema capitalista. Hoje vemos uma fragmentação no pós-modernismo, fruto da estrutura do mundo capitalista. Marx e Engels já diziam:

À medida que a divisão do trabalho se desenvolve e a acumulação aumenta, mais se torna aguda a fragmentação [entre capital e trabalho e propriedade]. O próprio trabalho só pode subsistir sob o pressuposto dessa fragmentação. (1932, p. 102)

II - SUJEITO, LÍNGUA E INTERAÇÃO

Acreditamos que para estudar os fenômenos lingüísticos devemos ter claros alguns conceitos como, por exemplo, sujeito, língua e interação. Vamos tecer alguns comentários para tentar nos situar em relação a esses conceitos dentro da nossa leitura de Bakhtin. Interação é uma ação entre, dialógica. Isso significa que os sujeitos agem sobre a mesma coisa, ou seja, na ação de um, tem a ação do outro; o outro participa da nossa ação. Nossa fala traz o outro: as palavras que escolhemos, o tom de falar etc, se dá dependendo de

com quem falamos. Isso também é ser dialógico. Vejamos: ser dialógico não é estabelecer um “diálogo” em que cada um assume seu turno adequadamente. Mas sim entender que nossa fala é também a fala do outro, ele está na nossa voz, na nossa fala. Elas se constituem uma a outra, mas sem deixar de ser elas mesmas, o que há é uma transformação/constituição mútua constante.

Há um conjunto de vozes do outro que provam o discurso do “um”. Porém essas vozes ao serem incorporadas a determinado discurso apagam a ordem do real e criam a ilusão de sentido único e o sujeito toma esse dizer como sendo seu. (GUIMARÃES, op. cit., p. 151).

Nesse sentido, para Bakhtin a dialogia “não é a alteridade entre dois falantes empíricos, mas é a presença de um dizer de natureza histórico-social que povoa o discurso” (ibidem), sendo assim também não se pode dizer que os dizeres são uma síntese de mais de um, pois cada discurso comporta várias vozes, inclusive a de quem o produziu, ou seja, as vozes são identificáveis no discurso, elas não se anulam criando uma outra totalmente nova.

Nas nossas reflexões temos priorizado a abordagem de tais temas pelo fato de nos preocuparmos em ver como que é possível apreender a constituição de identidades através dos discursos (enunciados). Assim, entendemos que o sujeito se constitui pela/na linguagem dentro das interações sociais (que são intermediadas pela linguagem). Como o discurso não sintetiza as vozes (os sujeitos), seria possível, então, reconhecer a presença dos sujeitos no discurso. Compreendendo desse modo o mundo, podemos expor como entendemos os conceitos de língua, sujeito e interação.

Bakhtin propõe importantes questões para nos auxiliar a entender esses os conceitos. Na época em que escreveu sua principal obra, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, identificou duas concepções já fortes sobre língua e sujeito.

Ele questiona essas visões, então dominantes, que chama uma de *objetivismo abstrato* e outra de *subjetivismo idealista*. A primeira linha ele identifica como uma visão sobre a língua na qual esta é vista como um sistema externo ao sujeito, uma criação sem sujeito, um conjunto de regras. Esta tendência, que seria chamado estruturalismo, dominou praticamente todo o século XX e ainda continua presente entre nós. Tinha como principal representante Saussure.

Bakhtin diz que a segunda tendência encara a língua como um produto da ação individual. Ele diz que, nessa corrente, “O psiquismo individual constitui a fonte da língua.” (BAKHTIN, 1929, p. 72). O indivíduo seria o centro da criação lingüística. Humboldt seria o

grande representante. Mas, vale ressaltar, Bakhtin é justo com esse pensador e observa que ele não se limita totalmente a essa posição. (ibid., p. 73).

Bakhtin, interessado em estabelecer uma análise marxista da linguagem, vai buscar superar essas posições reducionistas. Ele nem nega o “sistema lingüístico”, nem tira o sujeito da língua. O “sistema”, ao invés de ser visto como algo fechado, é antes algo (totalmente) aberto. Ele sustenta isso como parte central de sua explanação; diz que “a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva e ininterrupta.” (ibid., p. 90). Assim podemos entender a língua como uma cadeia única e contínua (ibid., p. 34) que a todo tempo está se renovando, se transformando.

O *sujeito* também assume papel central, mas não mais como um indivíduo que faz tudo como se não tivesse relações com o resto do mundo, como se fosse uma entidade abstrata, isolada do mundo material, como se tivesse uma existência por si mesmo. O sujeito é visto em um processo sócio-histórico, constituído na *interação* com o outro. Ele rebate os adversários incisivamente:

“Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse.” (BAKHTIN, 2000, p. 55).

Essa categórica afirmação de Bakhtin nos remete ao texto de Marx e Engels (1932, p. 65):

“Vê-se aqui que os indivíduos produzem-se *uns aos outros*, tanto física como espiritualmente, mas não se produzem a si mesmo...”

Portanto, sujeito é visto como constituído na interação entre “indivíduo socialmente organizado” (BAKHTIN, 1929). Não existe sem o outro. Daí que a fragmentação visa a destruir os sujeitos.

Assim temos que, para comentar as análises de Bakhtin das tendências em lingüística de sua época, temos que trazer ao mesmo tempo as idéias de língua, sujeito e interação: é que os três estão interligados e só é possível entendê-los se os olharmos ao mesmo tempo.

A linguagem, então, também, não é produto de um indivíduo ou indivíduos isolados, como querem a *segunda tendência*, mas o processo de indivíduos socialmente organizados. Pois:

“A não-organização dos indivíduos em uma unidade social impossibilitaria a constituição de um sistema de signos, exigência absoluta para que seja construída como material significativa, e, portanto, como material ideológico.” (MIOTELLO, 2005, p. 175).

Assim, Bakhtin não chega a negar o sistema lingüístico. O que não dá para aceitar, lendo-o, é um sistema constituído por palavras que têm por função referenciar cada qual um objeto (e somente ele) do mundo. Esse “sistema”, se queremos considerá-lo, é constituído por signos (ideológicos), isto é, elementos que fazem sim a referência ao mundo concreto e imediato, mas também nos remetem a uma outra realidade – que é refletida e refratada nesse signo – fora daquela materialidade ali presente. Essa é a característica central do signo. Nas palavras do próprio Bakhtin, se nos permitem repetir uma citação sua:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) (BAKHTIN, 1929, p. 32).

Se não fosse assim, o signo lingüístico seria o que Bakhtin chama de sinal:

“O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto...” (ibid., p. 93).

Então, resumindo, a língua, para Bakhtin, seria constituída de signos (ideológicos); é contínua e socialmente “produzida”. É inacabada visto que os sujeitos continuam a “produzi-la”. Parece até que ele - citando Marr - vê a língua como a linguagem humana tomando forma. (ibid., p. 97).

Mas aí surge uma questão: de onde vem a língua? Ele não faz essa pergunta diretamente assim, mas subentendemo-la e a sua resposta. Como marxista - sem reducionismo – Bakhtin entende os fatos humanos como “fenômenos ideológicos” (ibid., p. 25), sócio-históricos. A língua como humana é ideológica, social, histórica. Constitui-se, portanto, com esses três fatores.

Como dissemos, Bakhtin entende que o sujeito se constitui na interação com o outro. A língua se concretiza entre indivíduos socialmente organizados: na interação. Então, temos que a língua surge da interação e os sujeitos se constituem na interação. Logo, os sujeitos produzem a língua e esta os constitui. A interação é uma necessidade dos indivíduos para ser completo. Marx e Engels (1932, p. 56) dizem que:

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens e que, assim existe igualmente para mim: e a linguagem surge como a consciência da incompletude, da necessidade dos intercâmbios com os outros homens. Onde existe uma relação, ela existe para mim.

Podemos entender que, tanto para Marx e Engels como para Bakhtin, a língua/linguagem não é um produto, algo que se tem como resultado final de um processo; mas sim o próprio processo, que “surge com ele”. No momento em que o homem sente “necessidade de interagir”²² com outro para se completar, instaura-se a língua, é concomitantemente. E ela só existe na interação:

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. (...) A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1929, p. 34)

Ainda: “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais.” (ibid., p. 35)

Portanto, sem interação não há língua, não há sujeito. Mas a língua é fundamental para a interação. Por isso que os três estão intrinsecamente ligados; surgem juntas – e morrem juntas, diríamos. Na relação entre elas, não há matéria-prima e/ou produto final, causa e/ou consequência: elas se constituem mutuamente.

Geraldi, (2003c, p. 6) se nos permitem a longa citação, esclarece muito bem esses pontos:

Focalizar a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem significa admitir:

a) que a *língua* (no sentido sociolingüístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói;

b) que os *sujeitos* se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas;

c) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as

²² “...o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas...” (BAKHTIN, 1929, p. 92)

interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.

Desse modo, propor-se a fazer análise de linguagem, para nós, é antes de tudo considerar o processo de interação, no qual o sujeito e a língua se constituem. Vale ressaltar que não podemos ver as interações como algo fechado em si mesmo. Como diz Geraldi, “as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo”.

Isso significa que devemos ter cuidado: por um lado temos sim de analisar as interações como “acontecimentos singulares”, únicos; por outro, não poderíamos, se quiséssemos, desvinculá-las da nossa “formação social”.

Ou seja, é um jogo delicado: não se fechar sobre o próprio umbigo, esquecendo de que existe um mundo, uma realidade além-nós; nem acreditar que tudo é “determinado” pelo “exterior”, afastando, então, da realidade imediata, das interações concretas e cotidianas. Nenhum acontecimento se *auto-explica*, mas também não é explicado só pelo exterior. Temos de trabalhar com o jogo dialético-dialógico entre essas duas verdades. “O importante é interpretar o fenômeno estudado a partir de suas relações com o contexto social mais amplo e não apenas em função de suas relações internas.” (ROCKWELL, 1989, p. 47).

Com esses nossos conceitos de sujeito, língua e interação um tanto quanto claros, podemos avançar, considerando que é através da/com a/na língua que se produzem os “enunciados concretos”. Estes são o ponto de partida. Eles se “concretizam” na interação entre sujeitos (socialmente organizados). As interações são as mais variadas possíveis e, produzindo “enunciados concretos” com a/através da/na língua, nelas os sujeitos se constituem. Para alcançar os objetivos de nossos trabalhos em linguagem (pelo menos em parte) será fundamental observar as interações em que se produziram os “enunciados concretos” que analisaremos. E é nessa interação social que os sujeitos se constituem: essa constituição dos sujeitos será o ponto central em nosso trabalho.

III – IDEOLOGIA E MEMÓRIAS

A ideologia, aqui já citada, tendo origem em Marx e Engels, é encarada por nós, em princípio, como um *trabalho* (Marx) sobre e com as idéias existentes na sociedade e vistas como autônomas, independentes, como se tivessem leis próprias; como se não houvesse indivíduos produzindo essas idéias. A ideologia desenvolve e transforma as idéias. Consideraremos ideologia, então, como uma construção teórica para explicar o mundo de acordo com o interesse de alguém e baseando-se em uma “base material das idéias” existentes, conhecidas. É ainda, e também, a construção de uma (aparente) verdade inquestionável.

Toda ideologia, entretanto, uma vez que surge, desenvolve-se em ligação com a base material das idéias existentes, desenvolvendo-a e transformando-a por sua vez; se não fosse assim, não seria uma ideologia, isto é, um trabalho sobre idéias conhecidas como entidade dotadas de substância própria, com um desenvolvimento independente e submetidas tão-somente às suas próprias leis (MARX e ENGELS, 1932, p. 134).

Com isso deixamos claro que nesse trabalho não concordamos com a simplista interpretação de que Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, disseram que ideologia era uma *falsa verdade*. (OLIVEIRA, 2006, p. 90; SCHWARZ, 1992, p. 17; etc). Pois, como *trabalho*, ideologia significará uma atividade exclusivamente humana; atividade na qual o ser humano transforma e se transforma, ou seja, se constitui.

Bakhtin, na sua leitura de Marx e Engels, vai tentar ir além e recusa a idéia de uma ideologia originada da consciência ou mesmo como uma *falsa verdade* apenas (até onde sabemos Bakhtin não afirma que Marx e Engels entendiam ideologia como *falsa verdade*, ou seja, essa concepção de ideologia como *falsa verdade* se trata de leituras de Marx e Engels). Antes para ele ela é social e se contrói em todas esferas das interações:

A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. (BAKHTIN, 1929, p. 35).

Reforçando esse entendimento, Miotello (2005, p. 171) diz que ideologia “se poderia caracterizar, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens”.

Seguindo essa linha de raciocínio, também podemos ver ideologia como uma representação. Isso porque se dá na/pela linguagem. Precisa dela para poder se manifestar e essa é caracterizadamente representativa (simbólica) e constituída por signos ideológicos. Isso significa que esses signos não só denominam um ser no mundo, mas também faz referência a uma outra realidade fora da imediata. “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo.” (BAKHTIN, 1929, p. 31 – grifo do autor). Vamos além e arriscamos a dizer que, por ser ideológico o signo, é que é possível haver a memória (e essa seria uma representação, entendendo que a ideologia em Bakhtin é também uma representação). Por ser ideológico, o signo comporta as crenças, os sonhos, as visões de mundo, os modos de interpretar a realidade etc. Se o signo não fosse também ideológico nada disso poderia ser identificado nele. Ao mesmo tempo, sem essa memória, representação, não haveria ideologia. Mas aí pareceria um círculo: o que queremos dizer é que a ideologia como um "trabalho sobre idéias" (Ideologia Alemã) produz um mundo, *invertido e abstrato* (CHAUÍ, 1980) a partir do que há, ou seja, transforma o mundo e o próprio sujeito. Mas (a ideologia) também se transforma constantemente. São as memórias que compartilhamos que nos fazem ver o mundo de um jeito e não de outro, produzir certas idéias e não, outras. E esse sujeito em um mundo que ele não produziu para ele, mas para um outro-ele-anterior, terá necessidade de produzir sempre - é a necessidade de necessidade (Ideologia Alemã) – para atender os desejos desse novo outro-ele. Essa produção, que se realiza de acordo com as memórias, é sempre ideológica.

É a memória que nos permite julgar, avaliar, produzir uma imagem do outro, ou seja, construir ideologias, sem ela não temos referencial. Bakhtin trata dessa questão da seguinte forma:

A memória faz com que a abordagem se opere numa ótica de valores e de acabamento. Até certo ponto, a memória não tem esperança, mas, em compensação, só ela é capaz de formular, sem levar em conta a finalidade e o sentido, um juízo sobre uma vida inteiramente presente em sua realização e seu acabamento. (BAKHTIN, 2000, p. 122).

Queremos dizer que é pelo fato de ser ideológico, entendendo que isso significa que o signo é espaço de produção de sentido (isso seria a representação), que poderia haver novos sentidos (que se dá pelo trabalho), senão seria uma eterna repetição. Ser ideológico significa ser "produzido" por um trabalho, trabalho entendido como atividade exclusivamente humana na qual o homem transforma e é transformado: dialogia. A questão

da relação signo-mundo muito nos interessa: o mundo só é possível com signos (e com memória). E que mudando o mundo, muda-se o signo; mudando o signo, muda-se o mundo²³.

Não entendemos que representar seja uma simples imitação. Representar (ainda que fosse uma simples imitação) é uma ação na qual entram as memórias. Quando falamos, falamos uma palavra que tem significações trazidas pela história (memória do passado), quando falamos essa palavra, a revestimos de novos sentidos (memória do futuro). Bakhtin vai mostrar que a língua é ideológica, mas não num conceito simplista de ideologia, quem nem mesmo e, muito menos, Marx e Engels lhe atribuíram. Essa será vista como uma forma coletiva de representação dialógica do mundo: uma transformando a outra constantemente. É a memória (do passado e do futuro) que possibilita a produção de mundos; e as memórias são construídas, ou seja, produtos ideológicos.

A memória é *Memória do Passado* e *Memória do Futuro*. Bakhtin introduz esses dois termos para fazer uma diferenciação entre dois modos de relacionar com o objeto, com o qual convivemos e no/do qual produzimos sentidos, e com nós mesmos. Ele não chega a desenvolver esses conceitos. O sujeito ao se relacionar com o mundo (objeto), o faz com seus valores, sentimentos, crenças – pré-dado, que não é um presente, um *já-aqui*, mas uma história, a *memória do passado*. E também projeta novas possibilidades de relação futura com o mundo (objeto) – *memória do futuro*. O pré-dado com que convivo tem valores diferentes para mim e para o outro do mundo. Para mim o pré-dado que eu *internalizo* se torna possibilidades de uso futuro (expectativas, esperanças, sonhos) para construção de relações outras, por isso ele se torna *memória do futuro*. Para o outro, que observa esse pré-dado em mim, é o dado histórico por nós compartilhado. Bakhtin (2000, p. 139) comenta:

Posso esquecer o objeto e então ele deixa de existir para mim, mas, se o guardo na memória (em seu valor), será no nível do que lhe é pré-dado e não do que o faz já-aqui. Para mim, a memória é *memória do futuro*, para o outro, *memória do passado*. (grifo nosso).

Memória do passado está relacionada com tudo aquilo que os sujeitos compartilham do mundo já vivido. No caso do imigrante temos que é povoada, entre outras coisas, pela presença da visão de sua *terra amada*, que muitos deixaram por falta de opção, inclusive contrariados: “eu comecei a gritar que eu não queria partir, a gritar sem parar” (LAGANÁ, 2005, p. 14), e outros por fantasias, por se iludirem: “ele [o padre que fazia a propaganda da imigração] comparava o Brasil a uma segunda Canaã, dizendo que lá a

²³ “Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo e uma relação dialética, processual, contraditória.” (FREIRE, 1992, p. 68)

vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho” (LORENZONI, 1975, p. 16). Aparece inclusive o termo *terra amada* nos três livros que compõem nosso *corpus*. Eis um exemplo de como vemos a memória do passado:

“E o cais lá embaixo ecoa de gritos e prantos, no branco abanar de lenços, enquanto o navio, com sua carga de braços que se alongam para o abraço já impossível, com um solavanco de dor se desprende do cais e se separa da terra amada.” (LAGANÁ, 2005, p. 99).

A memória de futuro se relaciona com os aspectos dos desejos, das projeções, dos planos etc. A do imigrante de então era uma visão sobre o Brasil que se produzia quando para cá vieram. A visão do Brasil era de uma “terra de floresta e cafezais, que não conhecia invernos e em que os verões tropicais eram mitigados pela altura do planalto, onde estava cidade de São Paulo, com suas fábricas e arranha-céus, e uma população em sua maioria composta de italianos” (ibid., p. 15). Nessa visão, já aparece um Brasil do meio do século XX, pois essa pessoa imigrou em 1955. Mas o que importa agora é o fato da visão sobre o Brasil que compunha a memória de futuro do imigrante.

A memória do futuro é o espaço para o novo, para as possibilidades. Mas aqui vale a ressalva de Geraldi (2003a, p. 51):

Não se trata de reintroduzir, a partir da idéia de memória do futuro, a idéia de salvação terrestre. (...) Trata-se de pensar que a todo momento, a todo acontecimento, o futuro é repensado, refeito e deste lugar desterritorializado, sempre mutável, o sujeito se situa para analisar o presente vivido e, nos limites de suas condições e dos instrumentos disponíveis, construídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados, ou recriados pelo presente, uma das possibilidades de ação é selecionada.

Essas duas memórias, assim consideradas, como dissemos, participam da composição dos enunciados dos imigrantes, por isso a relevância em estudar e considerá-las nas análises.

Cabe aqui esclarecer alguns pontos ainda. Memória para nós não é simplesmente lembrança, algo que se retém na mente, como se fosse um depósito. Essa concepção aparece muito comumente: “ficou-me na memória sobretudo a presença de Filomena” (CUPELLO, 1973, p. 17). Percebemos que a memória nessa concepção leiga surge como um depósito de lembranças: alguém relata aquilo que acredita estar na sua cabeça armazenado. Entendemos que memória vai além desse conceito. Bakhtin aqui também nos esclarece:

A memória que tenho do outro e de sua vida difere, em sua essência, da contemplação e da lembrança da minha vida: essa memória vê a vida e seu conteúdo de uma forma diferente, e apenas ela é produtiva (a lembrança e a observação da minha própria vida podem fornecer-me os elementos de um conteúdo, mas não podem suscitar uma atividade geradora da forma e do acabamento). (BAKHTIN, 2000, p. 122).

É algo que se pode dizer externo. “Logo o *Centro Organizador da Memória* está *fora* de nós, e não *dentro*.” (MIOTELLO, 2006, p. 282, grifo do autor). Miotello vai além:

“Memória se constitui então em uma construção coletiva, consensual ou contraditória, que se dá no decorrer de processos interativos, e que joga com os significados e índices individuais de valor que cada um absorve como sendo seus.” (ibid., p. 283).

Portanto, memória não é um amontoado de dados inertes. Ela é coletiva, social, por isso também externa. E mais, ela é ideológica, participa do jogo representativo:

“Nossa memória não pode derivar diretamente da natureza. Nossa memória apenas é memória quando se impregna de conteúdo ideológico, sócio, e isso só se dá no processo de interação social.” (ibid., p. 282).

Na frase acima citada, “ficou-me na memória sobretudo a presença de Filomena”, entendemos que dizer que a imagem da pessoa continua na memória, é um exemplo de que é através do signo ideológico “Filomena” que se estabelece ainda uma interação com o objeto mesmo e, conseqüentemente, com o mundo de então. Ou seja, não é uma imagem depositada na memória que surge repentinamente acionada, é uma interação com essa realidade, com esse mundo passado. “Memórias são associações.” (ibid., p. 281) Portanto, a memória é uma forma de interagir com o mundo. Lembrando sempre que é nas interações que se dá a produção do mundo (dos sujeitos, da linguagem etc.).

A ação humana não é algo mecânico nem algo aleatório. Há determinantes nas nossas ações. Uma delas, acreditamos, é o papel da memória. Diz-se que “todo mundo age a partir de uma teoria”. E é isso mesmo. A teoria entra na nossa ação também com a memória. De forma que nossas ações em parte são determinadas pela relação das nossas memórias do passado e do futuro. Agimos porque temos memórias (de passado e de futuro):

No mundo dos acontecimentos da vida, campo próprio do ato ético, estamos sempre inacabados, porque definimos o presente como conseqüência de um

passado que construiu o pré-dado e pela memória do futuro com que se definem as escolhas no horizonte das possibilidades. (GERALDI, 2003a, p. 47).

Vejamos isso num trecho de Lorenzoni (1975, p. 32):

A parte dianteira, avançando sobre o mar, era circundada por uma grossa muralha de uma espessura de cerca de dois metros, e, a uma distância de uns cem metros, mais ou menos, existia uma fonte de água potável, um verdadeiro portento. Uma enorme quantidade de bananeiras, de longas e largas folhas, plantações de cana-de-açúcar, laranjeiras carregadas e outras árvores de zona tropical adornavam aquela pequena ilha, exalando um perfume balsâmico, absolutamente desconhecido para nós, europeus.

Nesse trecho, temos a descrição do autor do que ele viu ao chegar ao Brasil. Esse ato de olhar (e depois mais tarde de descrever) e ver desse modo se constroem pela memória que eles compartilham tanto de passado e como de futuro. A do passado, podemos dizer, de um país miserável que deixaram e de futuro de um país maravilhoso que estão em busca. Deixando um mundo feio e buscando outro bonito, ele enxergará, antes de mais tudo, a beleza, e só a beleza. Depois, somente, aparecerá no seu texto o lado do que ele não gostará aqui. Mas acreditamos que uma descrição como essa se dá pelo fato de eles compartilharem uma memória específica; se as memórias fossem outras, esse fazer descritivo também seria outro.

Na constituição dos discursos, como ato situado num presente, presente que não existe em si, pois ao acontecer logo em seguida já é passado, encontramos estratégias para recuperar o passado com toda sua história (são as “Memórias do Passado”). Além dessa, há ainda aqueles procedimentos discursivos que projetam para um futuro um modo de se interpretar o mundo (são as “Memórias do Futuro”). Essas Memórias são constitutivas dos discursos, do mundo. Conseguimos agir porque temos referências passadas (memórias do passado) e temos projeções para o futuro (memórias do futuro). E agimos (entenda enunciamos) de acordo com as *referências* e *projeções*. Na memória do passado está toda nossa experiência e vivência, nosso saber e conhecimento, enfim toda nossa história até então vivida; a memória do futuro comporta nossas esperanças, sonhos, expectativa de fazer algo, nossos planos. A importância delas é porque a “Memória do Passado” explica a formação atual e a “Memória do Futuro” produzirá novas realidades. Bakhtin chega, inclusive, a afirmar, em mais uma das poucas vezes na qual usa os termos, que a memória do passado é de caráter *estético* e a do futuro, *moral*.

“A memória do passado é submetida a um processo estético, a memória do futuro é sempre de ordem moral.” (BAKHTIN, 2000, p. 167).

Claro que, de um lado, a “Memória do Passado” também influenciará no porvir e, de outro, a “Memória do Futuro” reinterpretará o passado e, logo, mudará o presente que é explicado pelo passado e abrirá novos caminhos para o futuro. “É do futuro que tiramos os valores com que qualificamos a ação do presente e com que estamos sempre revisitando e recompreendendo o passado.” (GERALDI, 2003a, p. 45).

Ainda valer dizer que uma memória influencia a outra, ou seja, o que se divide de memória do passado produz a do futuro e o que se elabora de memória do futuro produz a do passado. E com isso queremos dizer que produzimos uma de acordo com a outra. A memória do passado leva a determinada memória do futuro e vice-versa. Assim, vemos que a memória do futuro de então é de querer ter sucesso no Brasil:

“Diante de tanta miséria, tanto sofrimento, tantas dores, assim mesmo o colono italiano não desanimava. Impávido, superava todos os obstáculos e todas as desgraças, que ameaçavam até sua própria existência.” (LORENZONI, 1975, p. 53).

Com a memória do passado de *miséria, sofrimento, dores*, ele busca construir agora, ao narrar, a memória de futuro tranquilidade, sem perigo de passar por isso de novo. A imagem de trabalhador, de *impávido*, que *superava todos os obstáculos*, dos “fortes trabalhadores italianos”, das “laboriosas populações” (ibid., p. 221) é no momento que narra uma memória do passado. Aquela memória do futuro de tranquilidade, de não querer mais viver o mesmo produzirá, por sua vez, a memória do passado de sofrimento para que confrontadas eles pareçam verdadeiros heróis por terem conseguido vencer, merecedores do sucesso e, então, aumenta ainda mais sua “façanha”, a “saga”: constrói-se a idéia de que eles saíram de uma situação miserável e alcançaram o sucesso, e se tiveram sucesso é porque foram trabalhadores. A memória do passado de dureza leva a memória do futuro de querer não mais sofrimentos e miséria, por isso acreditam no trabalho, na força, na perseverança. Por isso encontramos dizeres em que eles sofriam lá, que o salário era “insuficiente para manter uma família” (ibid., p. 14) para dizer que agora estão bem e que conseguiram isso pelo trabalho; “Sabe que, com o trabalho, nada há de lhe falta;” (ibid., p. 241) “O que mais poderia desejar? Trabalha quando quer e como quer, não dependendo absolutamente de ninguém. Isto era uma maravilha!” (ibid., p. 241). É nesse sentido que Bakhtin (2000, p. 62) nos assevera:

“O presente, o dado, o determinado peculiar a um objeto visível que situa em meu raio de ação é, quando da realização do meu ato, desagregado e decomposto pelo que está por-vir, pelo que é futuro.”

Se não fosse assim, o mundo faria sentido por si mesmo, o que seria um absurdo.

Uma vida determinada, livre das garras do por-vir, do futuro, da finalidade e do sentido, torna-se emocionalmente mensurável, musicalmente expressiva, basta-se a si mesma e à sua própria atualidade no mundo: o que nela constitui o já determinado assume valor de determinação. O sentido não nasce nem morre: a seqüência de sentido (...) que a vida representa não pode ser nem iniciada nem acabada. (BAKHTIN, 2000, p. 122-123).

Assim, a memória do passado depende do tipo de memória do futuro que se projeta e vice-versa. Um exemplo disso temos na passagem a seguir. Trata-se de um diálogo do livro *Terra Amada* da autora com a prima. Elas estão observando um fogo na vegetação:

- Irá devorar todo aquele capim – respondo, olhando eu também para o fogo.
- Não amam tanto a terra – diz minha prima, enquanto recomeça a caminhar.
- Talvez não como deveriam...
- Nós amávamos a nossa terra, mas a deixamos – diz ela, pensativa. (LAGANÁ, 2005, p. 56).

Elas que trazem a dor de ter deixado a sua terra na marra projetam uma memória do futuro de que os brasileiros deveriam amar sua terra. Veja que o verbo “dever” é eficiente para construir a memória do futuro, pois está no futuro e cria o efeito de algo que deveria ser coletivo, de uma futura e necessária verdade. Nesse caso, a memória do futuro é produzida pela do passado na medida em que a memória do passado é de falta da sua terra, o que faz surgir o sentimento de dever cuidar da terra (memória do futuro).

A memória do futuro então será um misto de desejo de continuidade do que se alcançou com um desejo de que o ruim não se repita. No caso do imigrante, a memória da guerra, causa de muitos terem imigrado, faz desejar um futuro de paz. Um passado de mudanças de um lado para outro faz desejar um futuro em que se pode criar raiz. Por isso as declarações de amor à pátria nova. A saudade da terra amada, as boas lembranças, faz desejar um futuro como tal.

A visão que os imigrantes tinham do Brasil antes de virem para cá compunha sua memória do futuro de então, hoje faz parte da memória do passado. Aquela memória do futuro de então estava impregnada de uma visão do Brasil de terra prometida, onde escorria

leite e mel. Essa memória do futuro de então fez com que se iludissem um pouco. Muitos voltaram. Outros aprenderam que não era tão bom, mas não o suficiente para voltarem.

Hoje percebemos em seus enunciados a dor de deixar a terra amada na saída, a visão de terra prometida do Brasil que tinham, a saudade da terra que hoje têm e o desejo de um futuro que não traga o terror da guerra e melhore o que de bom aqui encontraram, “um futuro em que é sempre possível e necessário transformar formalmente essa vida, atribuir a ela um novo sentido” (BAKHTIN, 2000, p. 136).

São essas questões e outras que passamos a discutir agora.

CAPÍTULO 3

I – O ESPAÇO DOS SUJEITOS: MEMÓRIA E IMAGEM

Como temos exposto, interessa-nos aqui refletir a partir da posição de que o mundo de hoje se mantém numa relação de exploração e injustiça típica do nosso sistema político-econômico. Entendemos também que as classes dominantes precisam construir ideologias para preservar esse estado de coisa que desumaniza o ser humano; que um dos pilares da ideologia dominante atual é a idéia de fragmentação. A partir dela, quer-se explicar o mundo, ou seja, mostrar o mundo como ele é, ao qual devemos adaptar-nos. Ele é apresentado a nós como consequência normal, natural, como um produto de uma relação de causa e consequência que existe por si mesmo. E não que foi historicamente produzido por sujeitos.

Vimos que houve uma mudança radical no modo de se ver o sujeito: deixou de ser o centro do universo, dono de si. Compreendemos que esses esforços eram em busca da compreensão do papel do sujeito e não de sua destruição. Porém, há em contraposição um modo de ver o mundo que se coloca como analista externo ao jogo sócio-histórico. Um discurso tecnicista, típico do pós-modernismo neoliberal. Um discurso que nos apresenta um mundo fragmentado e dado assim de uma vez por toda.

É contra essa segunda visão que estamos tentando nos colocar. É na busca de um sujeito, de seu papel, de seu lugar que queremos contribuir para reconhecer os espaços de ação dos sujeitos. Ao buscar em indivíduos (imigrantes) fora de seu contexto social original, colocamo-nos numa situação de que haveria mais ainda a fragmentação, de acordo com a tal perspectiva fragmentária, pois esses sujeitos estavam distantes de seus pares. Essa situação seria boa para ver como eles se interagem e se posicionam.

O que nos interessa é ver as imagens construídas nos enunciados, pois essas têm a ver com a efetividade da interação, faz parte do jogo enunciativo. Queremos, como temos reafirmado, mais especificamente observar como que as memórias do passado e do futuro participam desse processo. Portanto, interessa-nos ver o sujeito-imigrante em interação produzindo esse mundo, Brasil, e, sendo necessária uma imagem para realizar as interações, quais imagens constrói de si mesmo e como as memórias entram nisso, já que consideramos que toda ação se dá num espaço-tempo situado a partir das memórias do passado e do futuro.

Dentro de um mundo desigual e explorador, com as elites lutando para manter o *status quo*, a fragmentação das relações é a base para isso. Para manter tal situação entra a ideologia do discurso fragmentário para justificar essa realidade material como se fosse uma explicação científica, técnica.

Quando se chega a um lugar, se for mais forte domina e impõe seu modo de vida. (MARX e ENGELS, 1932, p. 111) No caso do imigrante, isso não acontece, eles não poderiam estabelecer aqui seu modo de produção, sua cultura, etc. pois não eram mais fortes. Daí eles assimilarem a do local. Isso não quer dizer que seja um ato passivo. Pois eles também transformaram e produziram o Brasil. Por isso, inclusive, ser comumente defendida a idéia de que os imigrantes contribuíram para a modernização do país. (FAUSTO, 1991).

Já dissemos que o sistema político, econômico, social precisa da fragmentação para se manter, mas contraditoriamente também precisa da assimilação para que não se criem grupos identitários específicos que contrariem o *modus operandi*. A sociedade busca a “assimilação”, pois precisa para se compor daqueles “sujeitos”. A interação da sociedade com o elemento novo é necessária para o sistema se manter. O imigrante interage, pois precisa do outro para dizer “eu”. Nesse processo, nem a sociedade “assimila” totalmente o imigrante, a ponto dele se dissolver nela, perder sua individualidade, nem o imigrante se identifica totalmente com ela, a ponto de se apagar e se tornar um espelho do outro, da sociedade. Dialogicamente, as transformações operam em ambos que se tornam outros (diferentes do início: outra sociedade, outros sujeitos), mas carregam parte do que tinha antes da interação. Nas análises dos enunciados dos sujeitos imigrantes que selecionamos, vemos um sujeito se identificando sim com a sociedade em que se está inserido, mas sem negar sua condição e sua posição, aceitando um mundo sem lugar para se posicionar.

Podemos identificar na linguagem o modo como representamos o mundo:

Os modos de perceber e organizar os nossos conhecimentos e experiências sobre o mundo, evidentes nas estruturas lingüísticas – o fenômeno semântico de categorização – constituem objeto da Semântica Cognitiva. Nessa área, são estudadas as estruturas lingüísticas na formação de imagem ou modelos dos objetos, imagens que incluem as crenças, experiências e saberes dos usuários da língua nos diversos contextos de uso (KLEIMAN, 2006, p. 2, grifo nosso).

Interessa-nos nesta citação a parte grifada que evidencia que nosso modo de apreender o mundo e nós mesmos estamos presentes na língua. Assim, analisando a linguagem podemos ver como que os sujeitos criam uma imagem do mundo, inclusive de si

mesmo, pois “os usos da linguagem e suas estruturas constituem relações sociais e identidades” (ibid., p. 2). E mais:

Há uma relação dialética entre a representação individual de si mesmo e a representação que os outros têm do indivíduo, o que determina a reciprocidade na constituição de um e do outro e as torna componentes identitários importantes nos grupos culturais, profissionais, nas associações (ibid., p. 2).

Entendemos que essa representação é um modo de se constituir como sujeito, ou seja, um modo de dizer com o indivíduo se percebe, como ele *acha* que ele é. Como já dissemos, nessa constituição precisamos do outro. Não nos constituímos sozinhos, precisamos do outro, da interação. Nesta, é que criamos as imagens, as quais são criadas a partir da mobilização pela memória de diversos conhecimentos, experiências (memória do passado) e crenças, sonhos, planos, esperanças (memória do futuro).

A partir disso, lançamos-nos na nossa pesquisa. Partindo dos enunciados concretos de sujeitos específicos, vamos apresentar, considerando os tipos de interação que eles estabelecem em jogo com as memórias do passado e do futuro, quais imagens esses sujeitos produzem de si mesmo no discurso observando que essas imagens se constroem de forma diferenciada de uma visão fragmentária.

Como dissemos na introdução, os textos-livro que escolhemos para trabalhar são: *Memórias de um Imigrante Italiano*, de Julio Lorenzoni; *Memórias de um Imigrante*, de Francisco Cupello e *Terra Amada*, de Liliana Laganá. Estabelecemos a escolha pelos seguintes critérios até aqui: os autores são de três fases da imigração distintas o que nos permitiria, na nossa visão, uma visão panorâmica: o primeiro é do momento inicial da imigração, ou seja, o autor chegou ao Brasil no fim do século XIX, precisamente em 1878; o segundo, após a primeira grande guerra (em 1927, exatamente) e o terceiro veio após a segunda guerra mundial, especificamente em 1955. Os textos são de pessoas que nasceram na Itália e migraram para o Brasil ainda muito jovem, na adolescência e que, portanto, trazem memórias de lá (passada) e daqui (futuro). Os livros são relatos sobre a vida na Itália quando crianças e adolescentes, a viagem e a vida aqui no Brasil.

Para visualizar melhor o que estamos falando, eis um quadro para tentar expor de forma didática um pouco dos dados até aqui apresentado do nosso *corpus*:

Nomes	Origem	Ano da vinda	Nasc/Idade	Profissão	Onde viveu
Julio Lorenzoni	Norte-Vêneto-Vicenza	1878	1863/15	Colono, professor, funcionário Público	Colônia de Silveira Martins e Bento Gonçalves-RS
Francisco Cupello	Sul-Calábria-Paola	1927	1911/16	Sapateiro, empresário	Valença-RJ
Liliana Laganá	Centro-Roma	1955	1939/16	Professora universitária	São Paulo-SP

A partir da análise desses textos e considerando as memórias *compartilhadas* por eles, tentaremos observar quais imagens esses sujeitos constroem sobre si mesmos. Isso se relaciona com os estudos atuais das identidades, as quais, em muitos casos, aparecem fragmentadas sob um olhar *pós-moderno*, o qual se coloca como avançado acusando quem o critica de que estão com um olhar ultrapassado. Coloca-se, o pós-modernismo, como uma posição aberta, democrática, quando na verdade é mais uma ideologia para a justificação do sistema vigente. Evidentemente que não esperamos com isso dizer que abordamos toda a complexidade desses sujeitos imigrantes, eliminando as peculiaridades de cada um. O que buscamos aqui nessa pesquisa foi acima de tudo contribuir para o trabalho com as memórias.

Da análise preliminar, observamos que havia: a) *uma* imagem que eles faziam sobre o país deles, a Itália (memória do passado); b) *uma* imagem do Brasil (memória do futuro) construída por eles; c) *uma* imagem que os brasileiros (entenda governo e quem os queria para trabalharem) faziam dos italianos, que era um misto de memória do passado e do futuro, pois sabiam algo sobre eles (memória do passado) e pela necessidade de mão de obra projetavam-lhes um olhar (memória do futuro), sendo que viam em uns e não em outro as características que buscavam. Por isso alguns justificam e facilitavam a entrada de italianos.

Devemos ter claro que o que temos em mãos são textos escritos por imigrantes depois de um bom tempo já no Brasil. Logo seus relatos sobre os acontecimentos se dão pela memória. Ou seja, vivendo em um tempo posterior, pela memória eles nos apresentam aquela visão que eles tinham de seu país, deles mesmos e do Brasil no momento da escrita.

O que queremos analisar é como eles, nesse momento em que escrevem, constroem uma imagem de si nos seus dizeres e qual o papel das memórias nisso. Como temos dito, essa imagem também é construída de acordo com o tipo de interação que se estabelece e como o sujeito se coloca no mundo.

Em seguida, vamos comentar como os brasileiros (entendendo estes como os envolvidos na imigração) viam os imigrantes; na seção posterior, discorreremos como os imigrantes apreendiam a Itália o Brasil.

II – IMAGENS DOS ITALIANOS

Na evolução do sistema de produção brasileiro, chegamos a um ponto, século XIX, em que o antigo sistema escravocrata estava caminhando para o fim. O país vivenciava um momento de crescente produção cafeeira e necessitava de grande número de trabalhadores para realizá-la. A solução encontrada como sabemos foi favorecer a imigração. A Europa estava vivendo um momento difícil: aumento populacional, turbulências sociais, guerras civis etc. Estavam então criadas as condições necessárias para a imigração: o Brasil precisando de mão-de-obra e a Europa precisando se ver livre de um grande número de pessoa que não encontrava meios de viver dignamente. Evidentemente que não são só europeus que vêm para o Brasil a partir desse momento: também viriam orientais, árabes, povos vizinhos da América Latina etc. Mas a substituição de mão-de-obra, como dissemos, devia ser feita de forma a manter as estruturas então vigentes. Para isso não poderia ser qualquer um que fosse permitido vir para o Brasil. Eis a questão: quais seriam os imigrantes “ideais”? Essa definição não será tranqüila (LAZZARI, 1980). O debate político-ideológico em torno disso começa a criar certas imagens de cada imigrante. Preconceitos não faltaram. Como já citamos: “Em geral, a gente que tem migrado para o Brasil está bem longe de ter a moralidade e qualidade precisas para o trabalho” (BEIGUELMAN, 1968, p. 86). Nesse discurso, de um deputado da província de São Paulo, a crítica não tem alvo específico. Ao contrário daquela de 1952, quando, para justificar a opção por italianos em detrimentos de outros povos, o Conselheiro José Caracas do CIC (Conselho de Imigração e Colonização) vai se referir a um grupo de 200.000 imigrantes da “Polônia, Rússia, Romênia, Bulgária, Grécia, Checoslováquia, Iugoslávia, Alemanha, Áustria e judeus” de “pior resíduo humano”, “sem dignidade, sem profissão, sem capacidade, em cujo seio figuram indivíduos tarados, propagandistas ocultos de ideologias reacionárias e altamente perigosos ao nosso país” (FACCHINETTI, 2004, p. 80-81). Então, na escolha, seleção dos imigrantes a entrar no Brasil, algumas características favoreceram, entre outros, os italianos. E razão para isso eram algumas características que atribuíam a esse povo. Aí começa a constituição da imagem do italiano pelos brasileiros

(como já dissemos, entendamos como brasileiros aqui os políticos e empregadores, fazendeiros).

O italiano era visto, entre outras características, como trabalhador, na época lavrador, ordeiro, com valores próximos aos nossos, como a religião, apego à família, não era vaidoso etc.

Assim, temos a visão, em um discurso de 1884, de que “a ignorância levava os nossos lavradores a julgar o italiano inapto para a lavoura.” (BEIGUELMAN, op. cit., p. 91) Começa assim a construção de que os italianos poderiam sim trabalhar nas lavouras de café. Temos a opinião de Rodrigues Alves em 1888, citado por Beiguelman (ibid., p. 94):

“Os imigrantes, italianos em sua generalidade, são laboriosos; e todos, homens, mulheres e crianças válidos, dedicam-se, sem certas preocupações de vaidade, que às vezes aparecem dentre os nacionais, a todos os misteres necessários.”

Evidentemente que essa característica de trabalhador será intensamente explorada, criando sempre a imagem de um povo trabalhador para justificar a imigração. Até porque se buscava financiamento público para trazer imigrantes. Como era para trabalhar que se queriam os imigrantes, e trabalhar muito, essa característica será sempre uma das mais importantes. Não só, é claro. Um país com nossa história autoritária, a idéia de ordem, olhemos para o lema da bandeira, será outra característica buscada. E isso também se viu nos italianos.

Para isso também teve o cuidado de controlar quem entrava, proibindo a imigração espontânea (BEIGUELMAN, ibid., p. 99). Dava-se preferência para quem já tivesse família aqui, para que fosse *gente de família* os que emigrassem e evitassem aqueles que, sendo “ociosos e contaminados pelo vício, emigram à procura de fortuna ao acaso” (ibid., p. 100)²⁴. O italiano é visto como alguém de grande “moralidade e inexcedível amor ao trabalho” (ibid., p. 102).

Assim ia se construindo a imagem do italiano como uma figura perfeita para substituir os escravos como mão de obra: trabalhador, dócil, moral, ordeiro, de família, digno, ideologicamente compatível com as condições do país etc.

Mas o que se escondia com isso era que a preferência pelo italiano se dá pelo fato deste se ter algumas características que interessava ao Brasil oficial: religião católica, língua próxima a nossa, a Itália ter passado por guerra civil pela unificação que reduziu em muito o potencial de sustentação deixando muitos em situação difícil para sobreviver, de

²⁴ Relatório de Martinho Prado Jr. à Sociedade Promotora de Imigração em 18/11/1887.

forma que sobrava mão-de-obra e que poderia ser mais barato e facilmente convencido a emigrar praticamente para o meio do nada, aceitando qualquer situação, sem se revoltar. O que faltava? Os imigrantes aceitarem vir. Então, entra o trabalho de propaganda na Europa: está será feita para construir uma imagem do Brasil que convencerá os insatisfeitos com a Europa a emigrar.

III – IMAGENS: ITÁLIA E BRASIL

Para o imigrante deixar seu país e vir para o Brasil, ele terá de ser convencido de que aqui é melhor. Houve um forte trabalho de propaganda do Brasil na Europa. Sobre isso vamos falar pouco. Vamos centrar nossa atenção, nessa parte do trabalho, na imagem que o elemento imigrante-italiano acaba por construir do Brasil, pois é essa imagem (memória do futuro de então) que em parte vai determinar sua ação, lá e aqui. O que nos interessa são as imagens que os sujeitos tomados para análise nesse trabalho transmitem ao relatar, ou seja, como eles viam o Brasil segundo suas memórias. Dois fatores, portanto, contribuíram decididamente para os tipos de imagens que se construíram do Brasil: a propaganda oficial do Brasil e a situação de miséria em que viviam na Europa. Necessitando buscar algo melhor, vão construir imagens espetaculares do Brasil.

Sobre a imagem que a propaganda do Brasil visava construir podemos citar, a título de exemplo, a referência de Laganá sobre isso. Ela diz que havia “um livro intitulado *Lo Stato de San Paolo*, fornecido pelo Consulado Brasileiro em Roma” o qual falava de uma “terra de floresta e cafezais, que não conhecia invernos e em que os verões tropicais eram mitigados pela altura do planalto, onde estava cidade de São Paulo, com suas fábricas e arranha-céus, e uma população em sua maioria composta de italianos” (LAGANÁ, 2005, p. 15). Laganá imigrou em 1955. Portanto, mesmo sendo dessa época o livro citado, é de se imaginar o tom da Propaganda do Brasil na Itália, mesmo ainda no século XIX. Para tanto, vemos isso em Lorenzoni (1975, p. 15-16) ao dizer que havia, na sua região na Itália, um “padre agente de imigração” e que depois de irem ter com ele: “Regressaram entusiasmados e com notícias extraordinárias a respeito das terras de além-mar.” E o tal padre explicará dias depois ao visitá-los como seria “a chegada ao Brasil, os favores e facilidades que o governo daria aos recém-chegados, a saber: alimentação por um prazo de seis meses, casa, cinquenta hectares de terreno mais os apetrechos necessários para a agricultura, semente etc., etc.” E

notamos que a propaganda se faz via um integrante da igreja ganhando ainda mais força persuasiva. E a imagem inicial oferecida será a de um país que oferecia justamente o que eles não tinham. Vemos então que já no começo as imagens que eles vão construindo não são tão realistas. O Brasil é colocado como o lugar onde ainda se encontrará a natureza das “florestas” em oposição à Europa industrializada, onde não se sofria com o frio rigoroso, onde encontraria muitos italianos de forma que todos se sentiriam como se em casa estivessem. Aqui eles teriam alimentação, condições para trabalharem na sua própria terra, deixando de serem empregados, com todas as condições necessárias para cultivar e colher. E assim ficavam “pensando nas maravilhas que lhes seria dado a ter, a eles, que nunca haviam possuído a mais insignificante horta para cultivar, que fosse de sua exclusiva propriedade.” (LORENZONI, 1975, p. 16). “Ninguém mais queria lavrar a terra, reservando-se de fazê-lo ao chegar ao Novo Mundo, sonhando somente com riquezas, felicidades e bem-estar.” (ibid., p. 17). E a idéia de “novo” que surge desde as grandes navegações também será freqüente: o novo mundo. Essa é a Memória de futuro da época da imigração que encontramos em Lorenzoni, a qual aliada a Memória do passado que eles então possuíam em comum, de um país, mundo “velho”, onde eram empregados e explorados, faltava comida, vivia em guerra etc. que vão levá-los a emigrar de seu país, ainda que veja este como a “Pátria tão querida e tão amada.” (ibid., p. 17). Como temos dito, a ação é determinada pelas memórias do passado e do futuro.

Em Cupello também vemos a idéia de que Brasil encerrava as maravilhas esperadas. E depois que seu irmão Antônio vem, ele começa a construir uma memória de futuro nesse sentido que associada ao de passado vai levá-lo a emigrar da Itália:

Com a partida de Antônio comecei a pensar na fabulosa aventura que seria um país estrangeiro. Na minha imaginação de menino, só duas coisas eram necessárias: crescer e ter uma profissão. Falar a língua era o que menos importava, e desde então passei a viver as minhas fantasias, fazendo planos de, um dia, também aportar nessa terra estranha e, por certo, maravilhosa. (CUPELLO, 1973, p. 31).

Nesse trecho, o Brasil além de ser o lugar onde se encontrarão as maravilhas desejadas com ares de fábula guardava também uma possibilidade de mistérios que cativou o adolescente: “era a terra prometida” (ibid., p. 41). Essas imagens do Brasil foram suficientes para ele emigrar. E nesse caso ele nem necessitava tanto pelas condições sociais, por isso o encanto com a aventura e o diferente (estranho) vem completar as razões para deixar seu país. E como o que se esperava e via nos italianos era a qualidade de trabalhador essa é a imagem que ele projeta para seu futuro: *ter uma profissão*, pois assim seria aceito no Brasil.

A Itália de então era vista como um país do velho continente que parecia mais nada poder oferecer. Miséria, desemprego, guerra civil. E diante da América que se oferecia como a salvação, a Itália fica só na memória, mas como a “terra amada”, expressão que aparece freqüentemente (LORENZONI, 1975, p. 17; LAGANÁ, 2005, p. 99, 111, 137, 180). Mas não deixou de ser vista como linda e desejável de retorno, a beleza presente na memória dos campos de trigo que cobria “a terra com um verde tapete, e aos poucos o verde ir cedendo lugar ao dourado, até explodir em amarelo, em junho, com o vermelho das papoulas no meio das espigas maduras.” (LAGANÁ, 2005, p. 16). Com essas memórias eles aceitam o desafio de migrar.

IV - IMAGEM DE SI: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Nessa seção, chegamos à parte em que nos debruçaremos sobre a questão central do nosso trabalho que será ver *como que esses sujeitos constroem uma imagem de si mesmo discursivamente a partir das memórias do passado e do futuro*, aceitando que sempre se constrói uma imagem de si ao enunciar. Entendemos que “imagem de si” significa uma *imagem sobre si* e não uma *imagem para si mesmo*, ou seja, essa imagem que queremos ver como se constitui é a imagem que eles constroem deles mesmos, mas de acordo com o nosso olhar, pois é impossível não haver a influência do olhar do analista: “No acontecimento singular e único da existência, é impossível ser neutro.” (BAKHTIN, 2000, p. 143). Para isso precisamos ver primeiramente quais imagens são construídas. Como já vimos quais as imagens do Brasil e da Itália se construíram, agora vamos ver que imagem eles constroem deles mesmos para depois ver como que as memórias do passado e do futuro participam desse processo.

As memórias que o sujeito compartilha socialmente produzem uma imagem deste sujeito quando ele enuncia. Essa é a nossa tese. Ninguém fala num vácuo temporal e espacial²⁵. Falamos a partir de um lugar e de um tempo. Em um lugar que estabelece tipos específicos de interações nas quais temos objetivos a alcançar que dependem, entre outras coisas, do tipo de imagem que construímos de nós mesmo para se realizar; e em um tempo em que, pela memória, o passado é retomado e o futuro, com o qual nos colocamos

²⁵ “Ora, isso por sua vez significa que todo olhar é um olhar a partir de algum lugar sócio-historicamente marcado, e como tal atravessado por conotações ideológicas.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 127).

estrategicamente, projetado para construir o novo e alcançar novos intentos, sonhos, objetivos, realizar e produzir nossas esperanças.

A oração “que o sujeito compartilha socialmente” pode ser vista, utilizando uma nomenclatura gramatical, tanto como *restritiva* quanto *explicativa*. Restritiva porque são aquelas memórias específicas que ele compartilha que produzem uma imagem deste sujeito e não qualquer imagem. E explicativa no sentido de que memórias sempre são compartilhadas, estão presentes nos sujeitos.

Dois coisas importantes aqui. (i) As memórias que o sujeito vivencia no coletivo colaboram para produzir uma imagem de si. (ii) Essas memórias são coletivas, ou seja, não surgem de um único sujeito. A primeira afirmação é importante porque mostra que o sujeito não produz uma imagem de si a partir do nada, mas sim pelas memórias. A segunda merece atenção, pois nos alerta para o fato de que as memórias foram social e historicamente construídas.

Dialeticamente, temos que o sujeito produz uma imagem de si de acordo com o tipo de interação que ele se propõe a estabelecer e essa interação produz de volta essa imagem. Quando entramos no jogo interacional, temos objetivos e metas a alcançar. As relações humanas são marcadas pelo jogo ideológico, que significa haver interesses envolvidos. Assim falar, que é um ato de interação, não é mera exteriorização de um conteúdo depositado no cérebro, mas antes um modo de se realizar desejos, vontades. Para essa realização, a projeção de uma imagem de si é fundamental. Se quisermos uma promoção no emprego, ao falar com o chefe temos de construir uma imagem de que somos dedicados, trabalhadores etc. Mas durante a conversa, que é um modo de interagir, com o chefe a imagem de nós muda de acordo com a maneira que a conversa se realiza, se percebemos nos dizeres do chefe que ele valoriza outras qualidades que não a dedicação, o trabalho, passando a assumir aquelas valorizadas pelo nosso interlocutor.

Mas não tomamos essa decisão de construir uma imagem assim do nada, não construímos a imagem de trabalhador e dedicado por vontade própria. Temos uma memória do passado que nos diz o que é esperado nesse tipo de interação para se alcançar esse tipo de objetivo: por exemplo, ser trabalhador e dedicado. E temos também uma memória do que é ser dedicado e trabalhador. Buscamos construir nossa imagem a partir dessa memória. Se não fosse a memória do passado, tenderíamos agir sempre de modo diferente e as relações pareceriam desconexas como se não houvesse relações entre elas. Seria um eterno recomeçar.

E decidimos por agir de tal forma porque também temos uma visão de futuro, fazemos uma projeção do que gostaríamos de ver, de fazer, de ter. Esse olhar para o futuro é a

memória do futuro, que também produz nossas ações. Se não fosse a memória do futuro, tenderíamos a uma eterna repetição fazendo sempre do jeito que sempre foi feito, aceitando o modo como se dão as relações, seguindo um roteiro dado, não seríamos autores de nossas ações. Então, é para não imaginar que haja um eterno recomeçar nem uma eterna repetição que acreditamos na importância das memórias do passado e do futuro.

Construir imagens de si é identificação, acha-se como sujeito. Ir em direção às imagens que eles constroem de si é procurar reconhecer como eles se identificam; não é procurar por um único: identificar é ser como o outro. Não é ser diferente de tudo que existe, único, isolado. Mas ser como outro: ser e não se dissolver. Portanto, quando dizemos que queremos observar as imagens que produzem de si, estamos afirmando que desejamos reconhecer com o que/com quem eles se identificam. Isso é ser sujeito porque eles estão situando-se, assumindo uma posição.

Para continuarmos, é necessário expor mais detidamente os textos que analisaremos²⁶. São três livros em que os autores narram as suas trajetórias e de suas famílias ou grupo desde a Itália até o Brasil, as razões por que eles imigraram, como foi o começo e a vida no Brasil. Como já dissemos, um dos motivos de os escolhermos foi o fato de não serem apenas uma autobiografia, pois se preocupam com um conjunto de fatos.

O gênero poderia ser considerado como uma espécie de **saga** em que o grupo tem mais relevância que o indivíduo. Isso é importante para nós na medida em que o imigrante por estar em uma terra nova e, como consideramos, precisando de interação para se constituir como sujeito que o faz poder agir, ele acaba fortemente se constituindo nas interações com o grupo identitário de origem. Sendo limitada a interação aqui, seja pela língua, seja pela cultura etc. o grupo é essencial para ele se constituir, pois o outro o constitui (Bakhtin, 2000).

Na realidade, existe toda uma gama de textos de difícil classificação que expõe os dizeres do imigrante. Entre as nomenclaturas tradicionalmente encontradas (historiografia, autobiografia, crônica etc), a que mais nos agradou, genericamente, para uma classificação sem que seja necessário malabarismo de retórica para justificá-la, foi o termo “textos de memória”, estabelecido por Payer (2006). Com esse termo, ela quer designar:

²⁶ Não pretendemos levantar as mesmas coisas nos três livros, ou seja, não vamos nos preocupar em mostrar exemplos dos três livros para cada afirmação feita. Apesar de que de um modo geral isso seja possível (não pelos livros serem iguais, mas porque nossas afirmações é que são restritas), embora sejam textos que falam de momentos diferentes e escritos em lugares e tempos diversos, com pessoas, e tudo o mais diferente. Buscamos assim evitar criar uma falsa idéia de homogeneidade, suprimindo as peculiaridades de cada texto.

... diversas formas discursivas, como a literatura de retrospecto/reminiscência, as crônicas familiares, a historiografia local de municípios colonizados por imigrantes, as listas de nomes, as coletâneas de canções, enfim, tudo isso a que se pode chamar, tautologicamente, de “textos de memória” (p. 53).

Essa *denominação* tem a particularidade de não se prender a critérios formais, mas sim discursivos; vemos isso quando a autora define “textos de memória” como sendo:

“textos através dos quais o passado vem se recolocar em cena enquanto discurso no e para o presente, tal como acontece nas crônicas familiares e nas narrativas grupais que circulam no interior das famílias e das comunidades, como formas de retrospecto, reminiscências, lembranças, mas também como parte constitutiva das conversas cotidianas.” (ibid., p. 150).

Portanto, não se trata de uma classificação preocupada com as características simplesmente estruturais dos textos. Por isso entendemos ser adequado os chamar de “textos de memórias”, emprestando o termo da autora. Até porque não pretendemos refletir sobre a questão de como o gênero interfere nos sentidos, ficando o uso do termo apenas como referência ao conjunto dos textos.

Encontramos, nesses textos, situações diversas em que o tema família e/ou grupo aparece, como na passagem a seguir: “Na escolha dos lotes prevaleceu, a contento geral, a condição de que os imigrantes de uma certa região, ou cidade da Itália, ficassem possivelmente vizinhos.” (LORENZONI, p. 64)²⁷. Nessa passagem vemos que a memória do autor traz elementos para contribuir com a idéia de união entre eles. A expressão *a contento geral* é denunciadora de que havia um desejo entre eles de que os mais próximos pela origem ficassem também próximos nos lotes. Eles queriam ficar juntos.

Ou seja, é muito comum a referência à família e ao grupo de origem, às associações. Isso poderia ser visto apenas como uma “lembrança”. Mas para nós essa memória se dá pela interação, ou seja, se o grupo aparece nos relatos é porque os tipos de interação, associação estabelecidas se deram e se dão nesse contexto de grupo, isto é, participaram da constituição deles. Portanto, na constituição deles que ocorre no dizer dos livros participam as memórias que eles ainda compartilham de uma vida em grupos específicos.

As narrativas se organizam em pequenos relatos que se encaixam em um trabalho do sujeito. Eis um outro ponto em que aparece o sujeito: o esforço para colocar um

²⁷ Como nessa parte vamos citar bastante os livros do *corpus*, não vamos mais indicar o ano deles, pois é apenas uma obra de cada um dos três autores, identificando-as apenas pelos nomes deles e a página.

estilo²⁸ ao texto criando um todo. Constituídos pela memória, os relatos vão se encadeando, numa relação de associação em que um episódio revivido pela memória ao relatar leva a outro sucessivamente. Assim, Lorenzoni, narrando o cotidiano do lugarejo, intercala um *personagem* na sua narrativa e diz: “Recordo *ainda* que um certo João Baizus...” para depois dizer: “Mas, *voltando* à minha narrativa...” (p. 162 - grifo nosso). Percebemos, até mesmo e principalmente, pela construção do texto, que esse episódio de João Baizus não estava em seu horizonte em princípio, mas que pela narração veio à tona. Observemos o *ainda* adicionando um elemento à seqüência dos fatos narrados e o *voltando* a demonstrar que não fazia parte da narrativa, que esta foi abandonada e depois retomada. O autor aparece num trabalho praticamente ficcional de criar uma unidade; ficcional não porque faz ficção, mas porque é demais complexo juntar tanto num só.

Sobre pequenos relatos diríamos que seriam de natureza primária (gêneros primários) e o livro seria, secundário (BAKHTIN, 2000). Produzindo-se dialogicamente o trabalho de memória com os pequenos relatos produz o livro-texto e vice e versa, ou seja, os tipos específicos de micro-relatos e o grande se produzem mutuamente. Pois, na medida em que os pequenos relatos vão sendo encaixados, pela presença na memória, o projeto do texto como um todo é refeito continuamente e dentro desse todo os pequenos relatos ganham novos sentidos.

Percebemos também que os tipos concretos de comunicação (gêneros discursivos) se ligam às bases materiais de organização social (BAKHTIN, 1929). Por terem vivido em grupo próprios formando um todo, produziram pequenas histórias que ao serem contadas necessitam do gênero específicos: pequenas histórias que se juntam formando um todo.

Outra coisa que vale ressaltar aqui é a presença nos textos de uma memória muito forte em uma cultura de origem judaico-cristã: a viagem para o Brasil parece a travessia do deserto em busca da terra prometida, mas uma viagem pelo deserto do mar:

E o desânimo que ia aumentando, dia a dia, com tanta água e tanto céu, e essa terra que nunca chegava. E o medo que começava a tomar conta de muitos, de que talvez a América nem existisse, que era apenas um sonho, ou um engano. (LAGANÁ, p. 41).

²⁸ “A escolha dos recursos lingüísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (o autor). É a fase inicial do enunciado, a qual lhe determina as particularidades de estilo e composição.” (BAKHTIN, 2000, p. 308).

Nesse trecho, identificamos que os imigrantes são tomados por *desânimo* e *medo* diante de um infinito de *água* e *céu* e começam a questionar a promessa da tal terra. É com se revivessem a presença da memória dessa eterna travessia. Uma travessia que parece infalivelmente levar a um engano, pois (como a memória insistentemente lhes diz) não haverá, novamente, terra prometida alguma. E pior: saíram de uma *terra* que era *amada*.

Ressaltamos isso porque essa tradição está ligada à idéia da família, do grupo, do povo. E a memória coletiva se constitui também desses aspectos. Há o sofrimento, a peregrinação, e certeza da terra prometida no fim do percurso (ainda que abalada em certos momentos), sendo antes necessário purgar os pecados nesse caminhar.

Como temos dito, o sujeito se constitui na fala, sendo então possível elaborarmos um todo dele. Identificar esse *todo* para nós e perceber que tipo de imagem quem fala constrói sobre si mesmo ao enunciar. Ou seja, trata-se de sujeitos dialógicos e responsáveis (Bakhtin). Evidentemente que a fala é sempre *responsiva ativa*. Ou seja, sempre está produzindo algo novo e respondendo a uma outra fala.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Portanto, ao falar o sujeito está respondendo a falas anteriores. Por isso se fala de acordo com o que se ouve. A imagem de si ao falar vai responder ao que se tem falado da pessoa. Vale enfatizar que esse *responder* é ativo; que pode ser para concordar, discordar etc. Ou seja, não podemos entender a concordância como ato passivo e a discordância como, ativo; ou se o sujeito *repete* (é possível essa *repetição*?) o que se diz em relação a ele, o mesmo está assumindo uma imagem de fora passivamente (adaptação) e se tenta posicionar diferentemente está resistindo ativamente ao olhar do outro, ao domínio (resistência).

Ao falar de sua vida e da vida de seus *patrícios*, os autores estão respondendo a muitas falas. Como dissemos, surgem muitas falas sobre os imigrantes. Em princípio, surgem debates pró e contra a imigração em massa para a substituição da mão de obra escrava. Quem era a favor constrói uma imagem do imigrante de trabalhador, honesto, ordeiro etc. e quem era contrário constrói o oposto, diríamos; isso de acordo também com o tipo de interação que se estabelece, pois:

Dizemos que uma coisa ou uma pessoa é agradável, simpática, ou seja, atribuímos-lhe pessoalmente, como propriedades interiores, as qualidades que exprimem nosso relacionamento com ela. (ibid., p. 97).

Ao falarmos, estamos reagindo, respondendo ao outro e essa nossa reação, resposta aparece em nosso texto:

“...a reação ativa do autor se manifesta na estrutura, que ela mesma condiciona, de uma visão ativa do herói percebido como um todo, na estrutura de entonação e na escolha das unidades significantes da obra.” (ibid., p. 28).

Nos textos analisados, vamos encontrar falas responsivas às imagens construídas sobre os imigrantes. Assim, vemos no *corpus* a seguinte passagem em que há uma responsividade a uma visão sobre os imigrantes:

Com o nome de jacobino quero qualificar os poucos brasileiros, moradores na colônia, que só viam em qualquer imigrante italiano um elemento de desordem e um parasita, quando, em vez disto, o nosso colono representava o trabalho, a economia, a persistência, a obediência às leis e o futuro bem-estar do nosso amado Rio Grande. (LORENZONI, p. 164).

Nesse trecho, está explícito de como eles eram tratados e a sua resposta contundente: em resposta à *desordem*, ele contrapõe a *obediência às leis*; à *parasita*, ele responde com *trabalho, economia, persistência*. E nessa sua resposta incisiva ao que lhes é impingido como imagem adversa, flagramo-lo se constituir como um todo em sua visão de mundo.

Encontramos nos textos a assunção de que são trabalhadores. Como há quem diz isso e quem diz o contrário, temos que essa imagem por eles construída tanto responde em concordância como em discordância, depende da fala considerada como referencial, não importa: se lhes caem bem, eles concordam; se não, discordam.

Mas a fala/enunciado, como ação, produz-se, como qualquer ato humano, com a participação das memórias do passado e do futuro. Para nós a responsividade da linguagem se dá no horizonte das memórias presentes: respondemos sempre ao que compartilhamos pela memória.

Assim, o dizer desses imigrantes que analisamos responde à imagem de que eles são para uns vagabundos e para outros trabalhadores; que são para uns bagunceiros e para outros ordeiros; desonestos para uns e honestos para outros. Mas responde para construir imagens que coadunam com os propósitos de vida que se têm.

O sujeito se constitui ao assumir uma posição nas interações: ser sujeito é assumir uma posição nas interações. E falar é assumir uma posição, na medida em que nunca se repete apenas. Cada pessoa produz seus sentidos. Não produz só, é claro, nem produz tudo. Mas também não quer dizer que não produza nada: entre o nada e o tudo o sujeito se posiciona em algum lugar que não nos cabe dizer em qual exatamente, mas sim reconhecer que ele age, assume uma posição, produz sentidos, constitui-se, é sujeito.

Após mais esses comentários sobre o *corpus* e essa rápida discussão de alguns aspectos dele para facilitar a sua compreensão, passaremos à questão das imagens.

No nosso *corpus* encontramos três sujeitos que produzem imagens de si, com as memórias como constituidoras dessa imagem. Lembremos que eles escrevem depois de alguns anos que eles vieram para cá. Vivendo aqui há algum tempo, eles resolvem escrever sobre suas vidas, contar como ocorreu a viagem, o começo e a vida aqui.

Vemos as memórias do passado e do futuro funcionando para construir a imagem deles. Não pretendemos fazer um levantamento exaustivo de todas as imagens possíveis de serem observadas. Objetivamos trazer algumas para a apreciação e refletir de como as memórias atuam para construí-las, que é nosso objetivo principal nesse trabalho.

Na elaboração do discurso, notamos a construção de imagens de que eles são **ordeiros, trabalhadores, dedicados, perseverantes, lutadores, vencedores, bem sucedidos, felizes, formam um grupo (unidos como família, imigrantes etc).**

É pela *memória do passado* de sofrimento, miséria, abandono da *terra amada* e pela *memória do futuro* de não desejarem que o ruim se repita que se sustentam essas imagens. Ou seja, observamos que se estabelece uma relação entre essas memórias do passado e do futuro e as imagens como tais construídas.

Em resumo, as imagens que constroem deles mesmos são de:

- Ordeiros: pois não querem a guerra no futuro (Memória do Futuro) porque já sofreu com ela no passado (Memória do Passado);
- Trabalhadores: pois tiveram dificuldade e hoje está melhor porque trabalharam (Memória do Passado) e o futuro tem de ser melhor e só pode ser com trabalho (Memória do Futuro);
- Perseverantes, dedicados, lutadores: era difícil, pensavam e desistir, mas não desistiram, e o futuro existirá se forem perseverantes, se o construir;
- Unidos, formam um grupo: serem unidos possibilitou-lhes alcançarem o que desejaram;

- Bem sucedidos, felizes, realizados, vencedores: por tudo isso, são vencedores, superaram as dificuldades.

Na nossa análise, constatamos que as imagens construídas nos textos seguem o projeto de vida, ou seja, constroem uma imagem deles como lhes parece ser a vida ou como gostariam que ela fosse. A base desta são a ordem e o trabalho que, com perseverança, dedicação e unidos, poderão realizar seus sonhos, conquistar o que desejam. Na conclusão do seu relato, Cupello (p. 99). anota:

“Eu queria lembrar tudo, tudo, acho que não tive muito tempo. O começo foi difícil: o trem, a falta de sono, o trabalho, a vontade de vencer, Então a memória ficou um pouco tomada pelos negócios.”

De fato, na narrativa de Cupello, é isso mesmo que predomina. O livro é mais um resumo da vida profissional. Mesmo em um capítulo em que se propõe a falar de sua mulher e de sua família, ele ainda lembra de trabalho e da perseverança: “Mas minha mulher não cansava nunca. Sempre fez parte da sua maneira de ser, da sua alma, o trabalho.” (ibid., p. 85). Essa imagem de si de trabalhador, e com dedicação, é uma constante. Mas isso se assenta em uma base de ordem. Assim temos o trecho em que encontramos uma avaliação da situação da colônia em que vivia um dos autores: “A ordem pública mantinha-se inalterável, o que demonstra o temperamento pacífico e ordeiro dos habitantes deste município...” (LORENZONI, p. 232). A *ordem* e a *paz* é o núcleo desse olhar para si. Para quem saiu de uma Itália devastada pela Guerra interna (lembramos-nos de que Lorenzoni vem para o Brasil em 1878) isso é tudo de que precisava para se realizar. Tendo ordem e paz, com seu trabalho e dedicação alcançaria tudo o que desejavam.

Por isso além de olharem para si como ordeiro, a característica de trabalhador aparece compondo a imagem deles:

Os outros trabalhadores, sentados em pedras, conversaram até mais tarde, ladeando uma bela fogueira e fumando seu bom cachimbo. (ibid., p. 57)

Nessa passagem, o autor está narrando um fim de dia antes de irem dormir. O interessante é ele nomear de *trabalhadores* seus colegas. Não é colono, imigrante, mas sim trabalhadores. Um esforço para construir essa imagem. E ainda diz claramente ao transcrever um discurso seu: “na sua maioria, era de boa índole, forte, trabalhador, educado a respeitar em qualquer lugar a autoridade constituída e capaz dos maiores sacrifícios”. (ibid., p. 159). Ao

descrever o trabalho deles, diz que “trabalhavam alegremente” (ibid., p. 63), ou seja, não só eram trabalhadores, mas trabalhavam com alegria, não era apenas por necessidade, para sobreviver, mas sentiam também prazer.

“Temos que fazer justiça ao nosso colono, pois, normalmente, além de forte trabalhador, sempre dava provas de sobriedade, economia e perseverança, qualidade que cooperam para fazer, em curto espaço de tempo, sua independência.” (ibid., p. 71).

Temos a marca de trabalhador pela constante indicação das profissões: “Entre nossos colonos, havia os *carpinteiros, ferreiros, canteiros, moageiros..*” (ibid., p. 70 – grifos nossos). Ao narra o início de epidemia de varíola, indica-nos a profissão das vítimas: “A primeira vítima da varíola foi Francisco Frare, *ferreiro*, oriundo da Província de Treviso, (...) Em seguida outra vítima: o *açougueiro* José Tagliari...” (ibid, p. 175 – grifos nossos). Vejamos que mesmo em um trecho em que não está se propondo a falar de si, podemos identificar a característica de trabalhador. Também aparecem nomes de ferramentas: *serrote, machado, enxada, picareta*. (ibid., p. 72). Indicando que ali se trabalhava. Qualquer coisa que se narra pode virar pretexto para indicar a característica de trabalhador, através da ferramenta, da profissão etc. E todos trabalhavam, velhos e novos, homens e mulheres:

Eu tive de deixar meu ofício de sapateiro, porque não ganhava nada. Tinha que trabalhar para ganhar, pois eu era o mais velho. Fui cortar madeira e fazer tábuas. Dos catorze aos dezesseis anos foi isso que fiz. Os outros iam ajudar na carcara de nonna Scicca, a olaria da mãe da minha mãe. Iam lá ajudar a fazer tijolos, as meninas também. (LAGANÁ, p. 39).

Ao recordar das matas nativas aqui encontradas diz: “infelizmente, em menos de quarenta anos, ia ser devastada e abatida pelo braço forte do colono italiano.” (LORENZONI, p. 111). Notemos a adjetivação de *braço forte*, indicando que são de e para trabalhar.

Sendo trabalhador, para alcançar seus objetivos precisavam perseverar; e assim também é construída essa imagem: “Apesar de todas essas dificuldades, o nosso valente colono, em sua vida patriarcal, sempre paciente, perseverante, trabalhador incansável e econômico, nunca emitia queixas.” (ibid., p. 181). “Apesar de tudo, nosso colono não perde a coragem...” (ibid., p. 216).

Tudo fica mais fácil em um ambiente de ordem e paz, com trabalho e dedicação, e mais, contando com a ação entre grupos, entre pessoas que de alguma forma se ligam por algum laço identitário, como vemos em certas passagens ao indicar suas atividades

mais diferentes. Temos por exemplos que as atividades sociais, diz um deles que aqueles eram “tempos em que verdadeiramente todos se divertiam, na maior paz, tranqüilidade e harmonia, como membros de uma mesma família.” (ibid., p. 163). Notemos que a visão é de uma ação entre indivíduos que se podem considerar de uma mesmo *família*, tudo em *harmonia*, *tranqüilidade* e, claro, *paz*. Ainda nesse sentido: “Até na doença os Consolatini estiveram ligados entre si...” (LAGANÁ, p. 156) “Éramos todos de uma mesma aldeia. Todos como se fosse uma coisa só.” (ibid., p. 165). Nessas passagens vemos que a memória do autor traz elementos para contribuir com a idéia de união entre eles. Eles abordam, entre muito que eles poderiam dizer no seu texto, a *escola*, lugar de reunião de pessoas, assim como a *pracinha*; dos *lotes* onde se trabalhava em conjunto; o *final de semana* em que a folga permitia se reunirem como numa *mesma família*. No título do capítulo XIX de Lorenzoni, temos ainda: “nossos imigrantes – trabalho, privações, perseverança” (LORENZONI, p. 63). O que encerra a idéia de um grupo, dos “nossos imigrantes” que passaram por dificuldades, mas que com trabalho e perseverança superaram.

Em relação ao grupo há características diferentes. No caso de Lorenzoni há uma presença mais forte pelo fato de estar em uma colônia, em um tempo em que havia menos imigrantes, menos cidades; ele fazia parte dos primeiros a vir para o Brasil: “No final de semana, geralmente aos domingos, reuniam-se vários chefes de família e juntos encaminhavam-se à sede onde adquiriam provisões para mais oito ou dez dias.” (ibid., p. 66). Em parte, isso se justifica porque as cidades eram distantes, tinham de atravessar matas, havia perigo e estar em grupos facilitariam. Mas também representa a idéia de que *gostavam* de estar juntos. Aqui percebemos também que as atividades os uniam. Já nos dois outros, Cupello e Laganá, eles já foram para grandes centros urbanos; o grupo era menos presente, mas ainda assim vemos que sempre havia a aproximação. Cupello (p. 77) diz que participava “de todos os clubes sociais e esportivos” da cidade dando a entender que ele não se fechava muito a seu grupo. Mas fala também que todos iam para a casa “da tia Maria Rosária, que era a mãe de brasileira que todos ganhamos ao chegar por aqui” (ibid., p. 78) informando assim que eles se reuniam nos mesmos lugares. E a imagem da mãe surge como simbólica, pois Cupello veio muito jovem para o Brasil e sem sua mãe, sem a família. E viveu ao lado de poucos imigrantes. Até por isso é o que menos fala no grupo. Em Laganá a idéia do grupo também é muito forte. Temos várias passagens em que ela traz isso: “E na frente da escola tinha um espécie de pracinha, e nós, os moços, nos reuníamos lá, ficávamos um pouco juntos, e era gostoso.” (LAGANÁ, p. 44). Na construção da igreja, que todos colaboraram, Lorenzoni diz que “é admirável a união” (LORENZONI, p. 78).

Com essa postura, eles tinham que conseguir o que queriam: “fazer a América”, serem bem sucedidos aqui. Lorenzoni diz que ampliaram sua atuação indo para o comércio e “os mais espertos” começaram com uma pequena casa e “foram aumentando-a e melhorando tanto que (...) muitos, desta maneira, fizeram fortuna. (...) não pelo estudo, que muitos mal sabiam escrever duas linhas, mas, devido a sua atividade e a serem honestos...” (ibid., p. 74).

A idéia de serem bem sucedidos também aparece no modo em que nos narram os fatos e descrevem o lugar. Assim no começo o Brasil é visto como decadente por Lorenzoni: “A população daquele centro, muito pequena, tinha um aspecto doentio, com tez amarelada, o que causou em nós um sentimento de tristeza; tudo era silencio e desolação...” (ibid., p. 35). Ainda, diante das dificuldades enfrentadas: “Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam, e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil...” Há de se considerar que Lorenzoni chega a uma região em um momento em que não havia nada. Para depois mudar essa perspectiva: “Todos tinham vacas e animais de sela para seus trabalhos; em suma, naquelas casas havia de tudo, a começar pelo pão, sempre fresco, salames, copa, queijos, banha, toucinho, leite, ovos, etc., etc.” (ibid., p 114). Mas isso tudo foi porque eles produziram essa condição de fartura, por isso nos é mostrada a situação em 1988, 10 anos depois do início da colonização daquela região: “A maior parte tinha plantado suas parreiras e dispunha de tudo o que havia de melhor em trigo, milho, vinho, queijo, salames, toucinho, manteiga e galinhas em quantidade.” (ibid., p. 176).

Em 1906, o mesmo Lorenzoni nos informa que foi criada a Sociedade Recreativa, mas não frutificou. E diz: “Mas, por infelicidade, essa bela e vantajosa iniciativa foi também, aos poucos, atrofiando-se, por falta de união e de pessoal, que se interessasse em fazer progredir e criar vigor tão útil instituição.” (ibid., p. 220). Vejamos que a Sociedade não progrediu por faltarem união e trabalho. Exatamente isso possibilitou a eles conseguirem o que obtiveram. Se algo não se realizou, parece ser por falta de trabalho e coletividade.

Foi criado um jornal, e ele nos diz: “O jornal, além da parte noticiosa, ocupava-se também de agricultura, de comércio e indústria e, principalmente, procurando manter nestes centros coloniais aquela paz e harmonia que tanto concorrem para o progresso de uma localidade.” (ibid., p. 235). Aqui está clara a relação entre ordem e progresso. E vemos a influência do pensamento da época, através do lema positivista. Lorenzoni viveu no fim do século XIX (quando veio para o Brasil) e começo do XX, portanto *natural* que as influências do pensamento europeu viessem juntos nas bagagens. E diz:

“Um dos fatores principais do nosso progresso agrícola, comercial e industrial, fora, sem dúvida, a paz que reinava soberana na laboriosa classe da nossa Colônia, composta exclusivamente de bons agricultores.” (ibid., p. 248).

Cupello comentando suas conquistas afirma diretamente: “Tudo o que eu havia conseguido tinha sido com muito esforço.” (CUPELLO, p. 64). Cupello também diz em relação à realização da Fundação Educacional Dom André Arcoverde que com a “perseverança, a inteligência e a força de vontade do Dr. Luiz Guiseffi Jannuzzi, conseguimos o nosso intento...” (ibid., p. 98)

E no balanço geral, diz Cupello: “Sim, eu sou um homem contente. Contar tanta coisa para dizer isso: sou um homem contente.” (ibid., p. 97). E se pode ver assim mesmo a imagem que eles constroem de si. Mas esse contentamento só foi possível devido ter trabalhado e se dedicado muito, sob o império da ordem.

Eles constroem imagens deles mesmos tais como estamos afirmando (unidos, fortes, trabalhadores, perseverantes, felizes etc) porque as memórias deles são: do passado de sofrido, dificuldade, guerra, miséria; e do futuro de que o mundo não deve ser mais como foi, deve ser bom, sem dor, sem sofrimento, em paz.

“Diante de tanta miséria, tanto sofrimento, tantas dores, assim mesmo o colono italiano não desanimava. Impávido, superava todos os obstáculos e todas as desgraças, que ameaçavam até sua própria existência.” (LORENZONI, p. 53).

A despeito do exagero que pode haver nessa descrição do autor, vemos que sua memória vivencia ainda *miséria, sofrimento, dores* (memória do passado).

E observamos também a memória do futuro que projeta algo diferente desse passado. Em um diálogo entre Laganá e sua prima, transcrito por aquela, esta, ao recordar do Barão que esbofeteou seu filho e exercia todo tipo de abuso de poder e tido como símbolo da exploração do passado na Itália é comparado ao fogo que elas vêem queimar toda a mata em sua frente e diz:

“Acreditava ser um sol o barão, e não passava de um fogo, que se alimentava dos outros. E cessou de arder, como cessará esse fogo aí, quando não tiver mais capim para devorar...” (LAGANÁ, p. 69-70).

Ela projeta um mundo em que aquele tipo de exploração não mais acontecerá, que aquele passado desaparecerá como a chama de um fogo quando acaba a matéria que o alimenta. Esse passado de sofrimento deixará de existir.

Como é possível afirmar que são essas memórias que produzem tais imagens?

As memórias do passado participam da construção dessas imagens na medida em que *presentificam* as dificuldades vividas, o sofrimento de abandonar tudo, o trabalho duro, as obras feitas, os negócios etc. As memórias do futuro porque projetam um porvir em que eles desejam ser vistos futuramente como quem venceu, teve sucesso; querem que os filhos, netos se orgulhem deles. Uma memória do futuro de não querer que voltem a dureza do passado e as guerras, que os expulsaram de sua *terra amada*: o desejo da paz.

As memórias do passado não os animam a continuar a viver do mesmo modo, elas exigem mudanças. As memórias do futuro projetam o novo, o diferente do passado, paz em lugar de guerra, júbilo em lugar de sofrimentos.

Como já nesse trabalho observado, mas sempre bom reafirmar, essas memórias se constituem uma a outra: as memórias do passado ruins levam ao desejo de uma boa; as memórias do futuro de algo bom intensificam as ruins do passado, fazendo parecerem piores do que já foram, como é o caso da citação de Lorenzoni (p. 53).

A união dessas memórias nesses relatos faz com que os sujeitos construam imagens como as que estamos afirmamos: **ordeiros, dedicados, trabalhadores, perseverantes, lutadores, vencedores, bem sucedidos, felizes, formam um grupo (são unidos como família, imigrantes etc)**. Essa afirmação se justifica da seguinte forma: mostrando que são felizes, bem sucedidos, trabalhadores, ordeiros etc, sendo que vieram de um passado de miséria, sofrimentos etc (memória do passado), tentam mostrar que para superar essa condição (miséria, sofrimento, etc) precisa ser como eles são (sempre foram); eles são como nas imagens construídas (de acordo com a nossa análise) porque foram como está na memória do passado. Por isso a memória do futuro de desejo de paz, sem miséria, exploração etc: deve-se fazer diferente (memória do futuro) para conseguir ser como eles.

Como discutido anteriormente, para fazermos algo precisamos de uma imagem: essa aqui é a de trabalhador, ordeiro, perseverante etc. A imagem que o sujeito busca constituir relaciona-se com o tipo de ação que ele quer fazer para alcançar seus objetivos (Memória do futuro). Eles queriam “fazer a América”, ser bem sucedidos (“A gente pode ganhar muito dinheiro, os dois juntos. Fazemos logo a América e voltamos ricos.” - Laganá, p. 40) por isso vão buscar construir a imagem de trabalhador, perseverante... Sobre as colônias, Lorenzoni (p. 149) afirma: “Todos seus proprietários ganhavam com que viver e até, com muito trabalho e uma vida de privações, conseguiam juntar dinheiro.” E completa, como já citado: “na sua maioria, era de boa índole, forte, trabalhador”. (ibid., p. 159).

Poder-se-ia dizer que qualquer um poderia ter construído essas imagens de si. Sim, mas estamos afirmando que aqui observamos a ocorrência; isso não exclui de ocorrer em

outro lugar o mesmo, com outras pessoas, em outras situações; aqui observamos essas ocorrências e relações.

Precisamos observar também que as imagens criadas também influenciam as memórias do passado e do futuro, estas são revistas continuamente. As memórias do passado são reformuladas. As memórias do futuro reconstroem-se em parte pela projeção do presente, ou seja, das imagens que se criaram. Por exemplo, em Lorenzoni, não vemos a abordagem de arruaceiros, bagunceiros, e quando aparece é justificada. Assim, vemos ao apresentar o caso de uma mulher da colônia que “foi atacada por dois mulatos que tentaram violentá-la”, sendo socorrida por “um tal senhor Bressan” que armado disparou contra eles “ao ver os dois meliantes armados de facas” (p. 137). O senhor Bressan foi procurado pela polícia, mas não foi pego e nunca foi condenado. Interessa-nos aqui é observarmos que o seu patrício só atirou “ao ver os dois meliantes com facas”. Ou seja: além de estarem em dois, estavam armados, e eram meliantes (malandros, vadios, vagabundos – cf. Dicionário Aurélio). Parece-nos que só por isso ele atirou, pois como bom ordeiro, jamais começaria uma briga, mas apenas se envolveu nisso porque foi obrigado a agir desse modo; até porque como pessoa direita tinha de proteger a mulher em perigo. Um outro episódio também narrado por Lorenzoni apresenta essa mesma postura. Ao narrar “a linda festa de santa Ana”, ele nos conta que:

...o subdelegado Justino Ferreira Pinto passou de chapéu na cabeça vizinho à procissão e sendo chamada sua atenção para tal irreverência pelo negociante Fortunato De Mozzi, isto foi o suficiente para que quisesse prendê-lo. Imediatamente um policial agarrava-o brutalmente. (...) A ação do policial foi a centelha que desencadeou a barafunda. (ibid., p. 173).

Novamente, em um dos poucos episódios em que aparecem eles envolvidos em confusão, apresenta-se a justificativa de que foi outro, não pertencente ao grupo, o provocador de todo o conflito, quem criou a *centelha*, ao agir *brutalmente*, sendo as ações dos *imigrantes* apenas atos de defesa, respostas a um ato exterior. Justifica ainda que “Mais de dez ou doze policiais intervieram de *espadas desembainhadas...*” (ibid., p. 173, grifo nosso).

Vejamos que se cria a imagem de ordeiro, porém, para ser fiel ao relatar, ele precisa dizer que também houve desordem, pois se não estaria sendo parcial. Nesse momento, a memória do passado é reformulada com a apresentação dos momentos de brigas, confusões, bagunça, desordem. Mas tudo apresentado com justificativa, a culpa não foi deles.

Eis uma relação dialógica: as memórias do passado e do futuro produzem imagens do sujeito, mas as imagens também produzem memórias.

Aqui precisamos olhar dialeticamente: ao mesmo tempo em que essas memórias constroem essas imagens, as imagens para se manterem produzem aquelas memórias. Ou seja, uma imagem de trabalhador, por exemplo, vai produzir a memória de dificuldades passadas, pois para se imporem, convencerem-nos de que realmente são trabalhadores, precisam mostra-nos que foi difícil e que só mesmo tendo sido trabalhadores para terem conseguido alcançar seus objetivos. E também produz uma memória de futuro na medida em que mostra que se realmente queremos um futuro melhor, temos de adotar a postura deles (sua imagem, ou seja, trabalhadores).

Assim, observamos como que em seus dizeres, sejam sobre si sejam em relatos variados, o enunciador constrói imagens de si, dentro dos tipos de inter-relações sociais que se estabelecem, e como que nessa construção são importantes as memórias compartilhadas pelos sujeitos envolvidos nas interações. Ainda podemos identificar uma relação de construção recíproca entre memórias e imagens, ou seja, elas se produzem mútua e reciprocamente.

CONCLUSÃO

Nesse momento do percurso, uma frase clássica, que já se banalizou e sofreu muitos deslocamentos semânticos, não deixa de emergir provocadoramente: “Conheça-te a ti mesmo.” Não pretendemos discutir agora os conceitos socráticos. Mas essa frase importunamos, pois sabemos, depois dessa caminhada, que não somos capazes de nos conhecermos por nós mesmos. Por isso surge a sensação de incompletude de que nos falavam Marx e Engels a qual nos leva a interagir e constituir um ao outro, buscar no outro o que não conseguimos por nós mesmos. E é aí que entra a linguagem: como constituidora de sujeitos. Ora se assim é, isso significa que vozes *esquecidas* no subterrâneo dos discursos *oficializados* levam juntos com elas os próprios sujeitos que as produziram, enterram identidades, individualidades.

Em parte, esse trabalho pretendia desenterrar essas vozes, ou melhor, esses sujeitos. Observar como nos apresentariam, pois entendemos que os conhecer é conhecer a nós mesmos, pois são o nosso passado. E este irrompe sempre nas nossas memórias constituindo nosso presente. Além disso, esse trabalho encerra um exercício de leitura de mundo, isto é, de sujeito, pois este produz aquele.

Na busca de compreender os sujeitos, fomos olhar para alguns que de alguma forma nos constituíram. Nessa empreitada, levamos como *guarda-costas*, principalmente, Bakhtin e seus conceitos como alteridade e Memórias do Passado e do Futuro. Com seus conceitos e métodos insinuantes, ele possibilitou que não nos perdêssemos, pois se seu método por um lado não abre uma avenida em nossa frente, por outro nos ensina a não entrar em caminho *errado*. Mais do que nos mostrar (impor) caminhos, ele indica-nos direções. E se as não seguimos, a culpa é nossa.

Assim, partimos em busca dos nossos objetivos: observar que imagens eram construídas pelos sujeitos nos textos analisados. Tentamos entender essas imagens como constituídas pela alteridade. Poderá ficar a impressão de que o conceito de alteridade e o resultado das imagens aqui colocadas não estejam umbilicalmente ligados. Mas acreditamos na possibilidade dessa conexão na medida em que foi exposto que as imagens construídas eram respostas a dizeres sobre eles e também que eram imagens coletivamente produzidas.

Porém, o que realmente se aflora nessa pequena pesquisa, acreditamos, é a produtividade do trabalho com as Memórias do Passado e do Futuro. Isso porque considerando o enunciar, como qualquer atividade humana, como um processo dialógico entre essas memórias, em um jogo de retomadas e projeções, podemos trazer para a reflexão da

linguagem a ação do sujeito, seu papel na constituição do mundo. Na verdade, um dizer, que não é o primeiro nem o último, mas constituído pela relação dialógica entre passado e futuro, exige um trabalho de sujeito. E se esse dizer constrói imagens, que é um constituir como sujeito, precisamos identificar essas imagens e explicar como essas imagens são constituídas pelas memórias, pois é aí que está o trabalho do sujeito. Era essa a pretensão, ainda que modesta.

Ao trazermos o jogo das memórias do passado e do futuro na constituição do sujeito-mundo, estávamos também preocupados em nos posicionar no sentido de refutar um olhar para o mundo como algo estático. Pretendíamos ver o mundo em uma dinamicidade que permitisse a realização de possibilidades, de mudanças, e não como algo fatídico.

Ficaram muitos aspectos a serem tratados, analisados e explicados. Mas levamos a convicção de que o processo está iniciado e encaminhado. Entender melhor as interações dos imigrantes no Brasil, seus esforços para se imporem como sujeitos autônomos, em uma cultura que se quer constituída, acabada, pronta e não dinâmica, é tarefa que desafiará a todos os envolvidos nesse tema. Acreditamos que de alguma forma demos nossa contribuição.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, J. R. C. **Imigração e Futebol**: o caso Palestra Itália. São Paulo: Editora Sumaré; Fapesp, 2000. (Série Imigração, v. 8).
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. Trad. M. Lahud; Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BEIGUELMAN, P. **A formação do povo no complexo cafeeiro**: aspectos políticos. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.
- BOLOGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. **Línguas de imigrantes**. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a20v57n2.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2006.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- BUENO, A. M. **Intolerância lingüística e imigração**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=30604>. Acesso em: 01 jul. 2007.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Trad. Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CARNIER JÚNIOR, P. **Imigrantes**: viagem, trabalho, integração. São Paulo: FTP, 2000.
- CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.
- CAZARIN, E. A. Da polifonia de Bakhtin à heterogeneidade discursiva na análise de discurso. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 132-147.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CUPELLO, F. **Memórias de um imigrante**. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1973.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ENNES, M. M. **A construção de uma identidade inacabada**: Nipo-Brasileiros no interior do estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17792>. Acesso em: 01 jul. 2007.

FACCHINETTI, L. **Parla!** o imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara Editora e Livraria Ltda, 2004.

FAUSTO, B. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp, 1991. (Série Imigração, v. 1).

FAUSTO, B. et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp, 1995. (Série Imigração, v. 6).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____ **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____ **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____ **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.) **Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003a. p. 39-56.

_____ Depois do 'show', como encontrar encantamento? **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 44, p. 251-261, jan./jun., 2003b.

_____ **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003c.

GRÜN, R. **Negócios & famílias: armênios em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré; Fapesp, 1992. (Série Imigração, v. 3).

GUIMARÃES, I. A. O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto 2005. p. 148-156.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

KLEIMAN, Â. B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORREIA, M.; BOCH, F. (Org.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 1-5

KLEIN, H. S. **Imigração espanhola no Brasil**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Editora Sumaré; Fapesp, 1994. (Série Imigração, v.5).

KONDER, L. **O que é dialética**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAGANÁ, L. **Terra amada**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

LAZZARI, B. M. **Imigração e ideologia**: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1975). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1980.

LORENZONI, J. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Trad. Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <www.vermelho.org.br/img/obras/manifesto.doc>. Acesso em: 10 jul. 2007.

MILAN, B. **Identidade e imigração**. 2000. Disponível em: <www2.uol.com.br/bettymilan/conferencia/18identi.htm>. Acesso em: 21 out. 2005.

MIOTELLO, V. A memória do passado em jogo com a memória do futuro constitui sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In.: ALINE et al. **Veredas bakhtinianas**: de objetos a sujeitos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 277-286.

_____. Bakhtin em trabalho de estudo da língua: levantando o problema do pertencimento. In.: SEMINÁRIO DO GEL, 53. 2005, São Carlos/SP. **Resumos das Mesas redondas e conferências**. Campinas/SP: UFSCar; Unicamp; Mercado das Letras, 2005a. p. III-IV.

_____. Compreendendo alguns conceitos bakhtinianos. **Versão Beta**, São Carlos/SP, n. 10, p. 02-10, 2002.

_____. Ideologia. In.: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: contexto, 2005b. p. 167-176.

MONTESSI, M. S. Os discursos e seus efeitos sobre os outros. **Versão Beta**, São Carlos/SP, n. 36, p. 85-95, 2005.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgar de Assis Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NASSAR, R. **Um copo de cólera**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, F. C. O declínio do mito da razão. In.: ALINE et al. **Veredas bakhtinianas**: de objetos a sujeitos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 89-110.

_____. **Diálogos no signo América Latina**: da lingüística à filosofia política. Disponível em: <http://www.bdt.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1685>. Acesso em: 13 abr. 2008.

PAYER, M. O. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.

_____ **Memória da língua: sobre o lugar do imigrante entre a língua materna e a nacional brasileira. Versão Beta**, São Carlos/SP, n. 29, p. 1-7, 2004.

PASSOS, S.; BUDA, T. **Raul Seixas: uma antologia**. São Paulo: Martin Claret, s/d.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In.: EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1989. Xérox sem numeração de página.

SAKURAI, C. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp, 1993. (Série Imigração, v. 4).

SALLES, M. R. R. **Médicos italianos em São Paulo (1890-1930): um projeto de ascensão social**. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp, 1997. (Série Imigração, v.7).

SANTIAGO, S. A explosiva exteriorização do saber. In: LYOTARD, J. Posfácio à **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 125-131.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antonio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

TRUZZI, O. M. S. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp; Brasília, DF: CNPq, 1991. (Série Imigração, v. 2).

_____ **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZANDWAIS, A. (Org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e Estudos Discursivos**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

Seminário do GEL, 53. 2005, São Carlos/SP. **Resumos das Mesas redondas e conferências**. Campinas/SP: UFSCar; Unicamp; Mercado das Letras, 2005.